

**FACULDADE DE SÃO BENTO
CURSO DE TEOLOGIA**

BRUNO DA SILVA MOREIRA

**PROJETO MISSIONÁRIO DE DEUS EM MARCOS 6,7-13:
FUNDAMENTOS BÍBLICOS MARCANOS DE UMA TEOLOGIA DA MISSÃO**

SÃO PAULO

2016

BRUNO DA SILVA MOREIRA

**PROJETO MISSIONÁRIO DE DEUS EM MARCOS 6,7-13:
FUNDAMENTOS BÍBLICOS MARCANOS DE UMA TEOLOGIA DA MISSÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Teologia da Faculdade de São Bento para obtenção do título de Bacharelado em Teologia, sob a orientação do Prof.^a Dr. Domingos Zamagna.

SÃO PAULO

2016

TERMO DE APROVAÇÃO

BRUNO DA SILVA MOREIRA

PROJETO MISSIONÁRIO DE DEUS EM MARCOS 6,7-13: FUNDAMENTOS BÍBLICOS MARCANOS DE UMA TEOLOGIA DA MISSÃO

Trabalho defendido em / / , como requisito parcial para obtenção do grau de Graduado em Teologia pela Faculdade de São Bento. Tendo como membros da banca examinadora:

Prof. Dr. Domingos Zamagna (Orientador) – FSB

Prof. Dr. José Eduardo - FSB

Prof. Ms. João Luiz Palata Viola (Dom Lourenço) - FSB

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, aquele que sustenta todo o meu existir. Agradeço a todos da minha família, em especial minha mãe Adriana Ribeiro, ao meu pai Alberico Moreira Filho e ao meu irmão Rafael Moreira pelo incentivo.

À professora Rita de Cássia que acompanhou o surgimento desse trabalho. Mas, de modo especial agradeço ao professor Domingos Zamagna que aceitou dar continuidade ao acompanhamento iniciado pela professora Rita de Cássia, o qual conduziu como muito carinho e dedicação. Meus agradecimentos a todos da Faculdade de São Bento.

Aos meus eternos e amados amigos que Deus me concedeu, desde aqueles de minha infância até os novos amigos que o Pai Eterno colocou em minha vida.

Meu reconhecimento à Ordem dos Frades Pregadores pelo apoio prestado durante estes três anos de estudo, em especial aos amados irmãos de formação.

Com estima e fraternidade à família e amigos.

Procuro semear otimismo e plantar sementes de paz e justiça. Digo o que penso, com esperança. Penso no que faço, com fé. Faço o que devo fazer, com amor. Eu me esforço para ser cada dia melhor, pois bondade também se aprende. Mesmo quando tudo parece desabar, cabe a mim decidir entre rir ou chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar; porque descobri, no caminho incerto da vida, que o mais importante é o decidir.

Cora Coralina

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a análise hermenêutica do projeto missionário de Deus em Marcos 6, 7-13, os quais foram fundamentos bíblicos do evangelista São Marcos de uma teologia da missão. Na primeira parte, analisará-se a contextualização histórica do evangelho segundo Marcos e apresentará-se a figura do evangelista em questão, bem como, as características estrutural, literária e teológica do escrito. Em um segundo momento, analisam-se os aspectos da teologia da missão no evangelho de Marcos. A narrativa ilustra toda a descrição que Marcos nos oferece da missão confiada ao Cristo Jesus até o envio dos doze em missão. Contudo, destacamos no fim dessa segunda parte o relato de Marcos no qual Jesus prepara os doze para a vida de missão, ponto esse que será fundamental no entendimento do próximo tópico. Por fim, estabelece-se o envio dos doze em missão. Trata-se propriamente de uma análise da perícopa, partindo desde uma contextualização passando pelas instruções dadas aos doze, pelo envio a missão e terminando na prática da mesma. Esta pesquisa, portanto, busca delinear o pensamento teológico-missionário do evangelho de Marcos.

Palavras-Chave: Marcos. Jesus. Missão. Doze. Evangelho. Envio. Reino de Deus.

ABSTRACT

The present work aims a hermeneutic analysis about the God's missionary project in Mark 6,7-13 which were biblical mainstays of a mission theology on saint Mark. In the first part, it's analyzed a historical contextualization about the Gospel according to Mark and presented his figure as evangelist, including structural, literary and theological characteristics of his writ. In the second part, it's analyzed some aspects about theology of mission in the Gospel of Mark. This narrative shows the whole description provided to us by Mark from Mission handed to Jesus Christ to the Twelve's sending out in mission. However, we highlight in this second part the narrative of Mark on which Jesus prepares the twelve to missionary life, a very important point concerning the next topic. At last, in the third part, it's worked in details, verses about sending out of the twelve. This work is more properly a pericope analysis, beginning from a properly contextualization, passing by instructions given to the twelve and their sending out and finishing with practice of mission. This research, therefore, tries to delineate the theological-missionary thought present of the Gospel according Mark.

Key words: Mark. Jesus. Mission. Twelve. Gospel. Sending out. Kingdom of God

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. EVANGELHO DE MARCOS	11
1.1 APRESENTAÇÃO DA OBRA.....	11
1.2 ASPECTOS DO AMBIENTE HISTÓRICO DO EVANGELHO	12
1.3 O AUTOR	14
1.4 DATA, LUGAR DA COMPOSIÇÃO E DESTINATÁRIOS DA OBRA.	16
1.5 VISÃO GERAL SOBRE A ESTRUTURA DO EVANGELHO.....	17
1.6 CARACTERÍSTICAS LITERÁRIAS E TEOLÓGICAS.....	19
2. MARCOS E A MISSÃO	23
2.1 CARACTERÍSTICA DA MISSÃO EM MARCOS	23
2.2 AUTORIDADE DE JESUS NA VIDA DE MISSÃO	26
2.3 ELEIÇÃO DOS DOZE	29
2.4 MARCOS 3, 13-14 PREPARA PARA A MISSÃO	31
3. MISSÃO DOS DOZE DISCÍPULOS EM MARCOS 6, 7-13	33
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PERÍCOPE	33
3.2 ENVIO DOS DOZE.....	36
3.3 ENVIU DOIS A DOIS	40
3.4 AUTORIDADE CONCEDIDA AOS DOZE.....	41
3.5 INSTRUÇÃO PARA A MISSÃO	42
3.6 A MISSÃO.....	47
CONCLUSÃO.....	50
ANEXO.....	52
REFERÊNCIAS	54

INTRODUÇÃO

O tema a missão redentora é, sem dúvida, algo imanente de todo cristão batizado e enriquecedor para a vida espiritual. O problema da missão que tanto domina a tradição paulina é ainda muito vivo na literatura dos evangelhos. Mas diferentemente da tradição paulina os evangelhos são narrativas que contam histórias extraídas do passado. Poderia assim, dizer que é uma narrativa de natureza teológica e pastoral. Neste sentido é fácil de observar o movimento de evocar o passado a fim de anunciar a fé para o presente e para o futuro. Neste percurso, de modo especial, falar e refletir sobre a missão contida no evangelho de Marcos é no mínimo fonte primária de conhecimento e vitalidade para a vida missionária, bem como, para toda a teologia.

A missão no evangelho de Marcos é o anúncio da Palavra de Deus, isto é, a construção do Reino de Deus. Vale ressaltar que Marcos deixa bem claro que o tema do reino é a tônica central do ministério de Jesus, o Reino de Deus que Cristo deseja instaurar é ponto marcante do evangelho de Marcos. Os discípulos são instruídos e enviados dois a dois por Jesus a proclamarem a Palavra de Deus a todos os povos e a exercerem os poderes que lhes foram concedidos para a missão.

Marcos descreve Jesus como o verdadeiro e autêntico missionário e construtor do Reino de Deus. Jesus em Marcos ocupa-se em maior parte de seu tempo ao cuidado com o povo, realizando atos de misericórdia incríveis, que revelam ser ele o Filho de Deus. Ele é também descrito como com um Cristo muito humano, fato que se pode comprovar pela sua sensibilidade para com o povo. Sensibilidade que muitas vezes se expressa em algumas reações sentimentais de Jesus, por exemplo; Jesus que fica muitas vezes desanimado por não conseguir fazer com que os discípulos o compreendam e a sua missão. Por este fato e outros, Marcos é o evangelista que melhor revela o lado humano de Jesus, o poderoso Filho de Deus e uma pessoa humana. É notório ao leitor ver que Jesus missionário desse evangelho é bastante acessível, porque experimentou a vida com o seu povo.

Pode-se afirmar que é com base nessa relação entre Cristo plenamente de Deus e plenamente dos homens que está construída toda a teologia marcana da missão. É a partir dessa relação que será construído todo o projeto de missão proposto por Cristo Jesus aos seus seguidores. Marcos acredita que o sinal mais verdadeiro de que esse projeto de missão se concretize através de seus discípulos é a partir do sinal de confiança em Jesus o enviado por Deus e conseqüentemente na sua proposta de construção do reino de amor. Pois, foi na

confiança que os doze tiveram em Jesus que os permitiram ser participantes e continuadores da missão do Messias.

Este trabalho de conclusão de graduação, intitulado *Projeto Missionário de Deus em Marcos 6, 7-13: fundamentos bíblicos marcanos de uma teologia da missão*, tem como intuito de estudo uma análise hermenêutica da missão, desde a eleição até a missão em si dos doze, como também uma análise histórica do evangelho. Pretende-se desenvolver uma leitura mais minuciosa do processo de eleição e envio dos doze e expor por fim as instruções para a missão e ação missionária dos doze.

1. EVANGELHO DE MARCOS

1.1 APRESENTAÇÃO DA OBRA

O evangelho segundo Marcos, embora seja o segundo na sequência dos evangelhos, cronologicamente é o mais antigo. Vale pontuar que essa ordem cronológica da redação dos evangelhos foi motivo de estudo de muitos pesquisadores. Quem foi o primeiro evangelista, Mateus ou Marcos?

Recordando uma antiga tradição cristã, alguém poderá perguntar se o primeiro evangelista não foi Mateus. A tradição diz, ainda, que ele foi o primeiro a escrever um evangelho, e o fez em hebraico (ou aramaico). Mas não temos, hoje, nenhum evangelho aramaico ou hebraico, todos os quatro evangelhos que possuímos foram escritos em língua grega. Eis aí a primeira dúvida a respeito do texto de Marcos. Além disso, o evangelho de Mateus tem as características de ter sido elaborado com base em Marcos. Logo, parece altamente provável que Marcos seja o mais antigo e simples dos quatro; no entanto, é tão importante e profundo quanto os outros. Ainda, destaca-se que Marcos serviu de base para a redação de Mateus e Lucas¹.

Com a afirmação de que Marcos foi o primeiro evangelho, levanta-se outro problema: Será que Marcos foi o criador do gênero literário evangelho², ou, pelo contrário, tal gênero, nos escritos judaicos, gregos e romanos, já é dependente de literaturas paralelas? Para Bultmann, foi Marcos que criou esse novo tipo de literatura³. Dentre os evangelistas, Marcos é o único que vai se referir ao evangelho como “Boa Notícia”. Portanto, será com ele que iremos saber o significado de Evangelho, isto é, qual é essa boa notícia.

Como já mencionado anteriormente, Marcos inaugurou no cristianismo o gênero literário denominado evangelho. Seu anúncio vivo e autêntico torna Jesus Cristo atualmente presente, pois o Evangelho é Jesus Cristo presente no anúncio da Palavra. “Nesse sentido, Marcos é original e inovador, ele próprio decidiu ser o portador de uma Boa Notícia escrita, e

¹Cf. KONINGS, J, 2005. **Sinopse dos Quatro Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”**. p. 11.

² O termo evangelho deriva do grego εὐαγγέλιον (εὐ significa “bom/boa” e ἀγγέλιον significa “notícia/mensagem”). O Evangelho é, então, o anúncio de um acontecimento bom e extraordinário. (GRENZER, Matthias e FERNANDES, A. Leonardo, 2012. **Evangelho Segundo Marcos**. p. 8 - 9.)

³ Cf. NEVES, C. Joaquim. **Evangelhos Sinópticos**. p. 295.

o conteúdo disso seria a pessoa de Jesus, suas palavras e ações. Assim, com Marcos surge esse gênero literário, ou seja, um modo de transmitir uma boa notícia”⁴.

Ao contrário de Mateus e Lucas que tiveram durante séculos posição privilegiada, Marcos não teve o mesmo destino, ficando, assim, relegado a segundo plano pela Igreja. “Alguns escritores antigos, como Santo Agostinho, o classificaram como resumo de Mateus”⁵. Devido a esse tipo de comentário pouco se prestou atenção a sua obra na Antiguidade e Idade Média. “Foi por volta de 1900 que os historiadores começaram a dispensar-lhe mais atenção, pensando que ele era mais merecedor de fé do que os outros evangelhos e mais próximo da história de Jesus”⁶. Desde então o evangelho de Marcos passou a ser destaque para os estudiosos, uma fonte preferida.

Dentre os evangelhos sinóticos⁷ Marcos é o mais breve, porém isso em nada diminui o valor qualitativo de sua mensagem, o valor literário, seu anúncio e sua intenção teológica. Marcos apresenta não uma biografia de Jesus, mas uma narrativa de Cristo como evangelho (Boa Nova), isto é, uma mensagem de fé a partir da vida histórica de Jesus, à luz do desígnio de Deus.

Logo de início Marcos nos mostra toda a temática do livro bem como o título de sua obra: “Começo da Boa Notícia de Jesus, o Messias, o Filho de Deus” (Mc 1,1). Nota-se com o título que Marcos jamais teve o intuito de escrever um livro para falar de si, mas de apresentar a partir de dados a pessoa e os feitos de Jesus Cristo. A não compreensão deste início levará à não compreensão de todo o livro, pois ele é o resumo de todo o evangelho.

1.2 ASPECTOS DO AMBIENTE HISTÓRICO DO EVANGELHO

Não obstante se constata que os evangelhos refletem as realidades diárias de um lugar, de uma época e de um povo; assim acontece com o escrito de Marcos. O texto de Marcos

⁴Cf. BORTOLINI, José, 2003. **O Evangelho de Marcos: para uma catequese com adultos**. p. 11.

⁵ Cf. BATTAGLIA, Oscar, URICCHIO, Francesco e LANCELLOTTI, Angelo, 1978. **Comentário ao Evangelho de São Marcos**. p. 9.

⁶ DELORME, J, 1985. **Leitura do Evangelho Segundo Marcos**. p. 7.

⁷ Os três primeiros evangelhos, Mateus, Marcos e Lucas, são conhecidos como evangelhos sinóticos. Este termo é oriundo de duas palavras gregas *syn* + *optikos* que querem dizer: *ver juntamente, visão de conjunto*, ou, ainda, *mesmo ponto de vista*. “O nome sinótico foi dado aos três primeiros evangelho pelo pesquisador alemão J. J. Griesbach, em sua obra *Synopsis evangeliorum*, publicada em Helle, em 1776”. (MARCONCINI, Benito, 2001. **Os Evangelhos Sinóticos**. p. 10). São sinóticos porque indicam que os textos possuem semelhanças de material e podem ser colocados em colunas paralelas para verem o que se tem em comum.

representa dois mundos: um é o mundo que ele narra e o outro é o mundo que ele vive⁸. O escritor Félix Cisterna diz que três fatores ajudaram a determinar o tempo da composição da obra de Marcos; *La relación com el judaísmo oficial, la caída de Jerusalén y los comienzos de la guerra judia contra Roma*⁹. Em outra ótica diferente de Cisterna, Soares e Júnior apresentam três elementos que se relacionam com o surgimento do texto marcano:

O desaparecimento da primeira geração de discípulos e discipulas de Jesus, testemunhas das ações e palavras de Jesus, as chamadas testemunhas apostólicas; as comunidades já acolhem gentios, pessoas que não conhecem a cultura judaica, e isso é motivo de crise e conflito; e por fim o judaísmo está em guerra contra Roma. O texto de Marcos sem dúvida está em relação com a guerra, quer tenha sido escrito imediatamente antes da guerra, quer durante a guerra ou logo depois¹⁰.

A grande parte dos comentaristas de Marcos coloca a sua composição na época turbulenta das revoltas contra o império de Roma, por volta do ano 70 d.C.. A comunidade de Roma enfrentava um período de insegurança e de incerteza. Muitos fatos perturbadores tiravam a tranquilidade da comunidade.

Pelo ano 62 d.C., as tensões políticas na Palestina davam início aos movimentos que levariam à guerra entre judeus e romanos. Esta guerra que durou de 66 a 70, acarretou o fim da independência dos judeus e a destruição do Templo de Jerusalém. Nesse meio tempo morreram as principais lideranças da Igreja: Tiago morreu numa perseguição aos judeus por volta do ano 62 d.C.; Pedro e Paulo morreram em Roma, entre os anos 65-67 d.C., na perseguição promovida pelo imperador Nero.

O império romano também passava por período de intensa crise política. O final do governo de Nero (68 d.C.) desembocou numa violenta guerra civil entre generais ambiciosos pelo trono imperial. Entre os anos de 68-69 d.C. Roma teve quatro imperadores, até que o general Vespasiano conseguiu tomar o poder. Ele era o comandante dos exércitos romanos na

⁸ Sobre o ambiente e data em que foi elaborado o evangelho de Marcos existem poucos dados que permitem afirmar categoricamente que foi escrito em uma determinada região. Por isso, haverá estudiosos que afirmam que foi escrito em Roma, outros dizem no Egito, Ásia Menor. Neste presente trabalho tomaremos como base os estudos que datam a obra em torno do ano 70 d.C na cidade de Roma. Ched optará em seguir a corrente que diz que a obra de Marcos foi escrita na Palestina setentrional ou perto dela e referente a data ele adota anterior a 70 e durante a revolta. (Cf. MYERS, Ched, 1992. **O Evangelho de São Marcos**. p. 67 a 68)

⁹ Cf. CISTERNA, Félix, 2000. **El Evangelio de Marcos**. p. 33.

¹⁰ SOARES, Armando, Gameleira, Sebastião e JUNIOR, Luiz, Correia, João, 2002. **Evangelho de Marcos: Vol. I: 1-8 Refazer a Casa**. p. 13.

Palestina e no Egito. Este período desencadeou sentimentos de desânimo em todo o império, com uma sensação de final dos tempos¹¹.

Em meio à tempestade política na Palestina e no Império, a comunidade dos cristãos em Roma se viu mergulhada em incertezas, ainda mais depois que Nero, para acalmar as multidões enfurecidas com um incêndio na cidade, promoveu a primeira perseguição oficial ao cristianismo nascente (64-68 d.C.). A partir daí, ficou proibido ser cristão e caiu uma perseguição feroz sobre as comunidades, muitos cristãos foram martirizados nessa época.¹²

Em 66 d.C., os judeus, liderados pelos zelotas, expulsaram os romanos de Jerusalém. Porém os romanos nunca aceitaram essa derrota, isso desencadeou uma guerra contra os judeus que iria durar aproximadamente 4 anos. Quando em agosto de 70 d.C. o general Tito, filho do imperador Vespasiano, com seus soldados, conseguiu vencer os judeus, entrou vitorioso em Jerusalém. A vingança foi terrível, não restou pedra sobre pedra. Saqueou e arrasou a cidade, mataram milhares de pessoas e os sobreviventes foram vendidos como escravos. Setecentos jovens judeus foram obrigados a desfilar em Roma homenageando o general Tito e depois foram mortos e outros vendidos como escravos¹³.

Foi nesse contexto histórico marcado por intensos conflitos que a peça de Marcos foi montada.

1.3 O AUTOR

O Evangelho de Marcos não traz consigo nenhum tipo de identificação de quem o escreveu, isto é, no desenrolar do livro de Marcos não existe indicação nenhuma de autoria da obra. Com efeito, a tradição primitiva da Igreja é unânime em atribuir a *Mârkos*¹⁴ a autoria.

Segundo alguns Padres da Igreja primitiva, como Papias, 135 d.C., Irineu, 200 d.C., e Orígenes, 250 d.C., o Evangelho segundo Marcos era obra de um companheiro e intérprete de Pedro¹⁵. Porém, as indicações históricas indicam que os primeiros dados que atestam essa autoria é de *Papias(ou Pápias)*, bispo de Hirápolis, na atual Turquia, por volta do ano 110

¹¹ Cf. MYERS, Ched, 1992. **O Evangelho de São Marcos**. p. 68

¹² Cf. DORNELAS, Pe. Nelito, 1997. **Conversando com o Evangelista Marcos**. p. 15.

¹³ Cf. MOSCONI, Luis, 1997. **Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos: para cristãos e cristãs rumo ao novo milênio**. p. 45.

¹⁴ Nome de origem romana, no qual a etimologia significa “martelo”. (Cf. CHOURAQUI, André. **A Bíblia: Marcos**. p. 40.)

¹⁵ Cf. BERGANT, Dianne e KARRIS, Robert, 2013. **Comentário Bíblico**. p. 46.

d.C.,. Foi por meio de Eusébio de Cesareia, no escrito “História Eclesiástica”, que encontramos o testemunho de Papias:

E eis o que dizia o Presbítero: Marcos, que se tornara o intérprete de Pedro, escreveu com exatidão, embora desordenadamente, tudo quanto recordava do que fora dito ou feito pelo Senhor Jesus; mais tarde, porém, como já disse, ele acompanhou Pedro. Este ministrava seus ensinamentos, conforme as necessidades, mas sem fazer uma síntese das palavras do Senhor. Assim sendo, Marcos não cometeu erro algum ao escrever de acordo com suas lembranças. Só teve realmente um desígnio: o de nada omitir do que ouvira e não se enganar em ponto algum do que contava¹⁶.

Neste testemunho de Papias podemos destacar três pontos primordiais: primeiro Marcos foi intérprete de Pedro; segundo, Marcos escreveu com exatidão, e terceiro, escreveu desordenadamente. Percebemos que as palavras de Papias não são muito amáveis. Assim, segundo essa tradição o evangelho teria sido escrito em Roma, por Marcos, o qual teria transposto no papel os relatos ouvidos de Pedro. Após Papias, tais dados tornaram-se quase inquestionáveis, e não faltaram testemunhos na Igreja antiga atestando que o segundo Evangelho foi escrito por Marcos em decorrência da pregação de Pedro.

Contudo, vale salientar correntes que tentam explicar quem foi Marcos. Uma teoria é daqueles que tentam identificar o autor com o personagem de nome João Marcos apresentado no Novo Testamento. “Alguns estudiosos dizem que o Marcos mencionado por Papias como sendo o autor de Marcos é certamente o mesmo João Marcos¹⁷ mencionado, mais de uma vez nos Atos”¹⁸. Uma das passagens de Atos dos Apóstolos nos fala que João cognominado Marcos era filho de uma tal Maria, em cuja casa em Jerusalém uma parcela da primitiva comunidade cristã costumava reunir-se (At 12,12). Ainda, segundo 1Pd 5, 13, este mesmo Marcos que é citado em Atos é reencontrado em Babilônia; segundo Cl 4, 10 Marcos era primo de Barnabé e Paulo. Em Atos encontramos Marcos como companheiro de seus primos na primeira viagem apostólica através de Chipre, Perge e Panfília (At 12, 25 -14,28)¹⁹. Mas logo João Marcos separou do grupo e voltou para Jerusalém (At 13, 5-13). Barnabé tentou

¹⁶ AUNEAU, J, 1985. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. p. 116-117.

¹⁷ A antiga tradição cristã atribui unanimemente o segundo evangelho a Marcos, não havendo motivo para se duvidar de que se trate de João Marcos, várias vezes mencionado no NT. (MACKENZIE, L. John, 1983. **Dicionário Bíblico**. p. 580)

¹⁸ KUMMEL, Werner, 1982. **Introdução ao Novo Testamento**. p. 114.

¹⁹ Cf. NEVES, C. Joaquim, 2002. **Evangelhos Sinóticos**. p. 302.

levá-lo novamente à missão, mas houve um grande desacordo e eles se separaram um do outro (At 15, 36-40)²⁰.

Outra resposta à pergunta de quem escreveu o texto, parece que está registrada no chamado “Código de Muratori”. Trata-se de um fragmento em latim, que contém uma lista de grande parte dos escritos cristãos canônicos. Este texto data do final do século II, em Roma. O Código de Muratori apenas indica que Marcos presenciou alguns dos acontecimentos que narrou.

Na Patrística iremos encontrar Padres da Igreja como Irineu que afirmaram que Marcos foi discípulo e intérprete de Pedro e que escreveu o evangelho depois da morte de Pedro e Paulo. Embora outros Padres como Clemente de Alexandria vão dizer que Marcos foi companheiro de Pedro e escreveu o evangelho durante a vida de Pedro a pedido do povo de Roma onde Pedro pregava. Já Orígenes afirma que Marcos escreveu o texto em consonância com as instruções de Pedro. “São Jerônimo sintetiza as informações sobre a compilação do Evangelho segundo Marcos como sendo a obra do intérprete de Pedro, como fórmula simples: o evangelho que Pedro anunciava, Marcos escrevia”²¹. Existem ainda várias afirmações sobre este mesmo assunto de outros Padres da Igreja; embora não existem dúvidas de que os testemunhos sejam dos textos da Antiguidade, Novo Testamento e Patrística, os quais são muitos e variados ²². Por este fato os estudiosos modernos procuram manter certa cautela sobres as afirmações anteriores.

1.4 DATA, LUGAR DA COMPOSIÇÃO E DESTINATÁRIOS DA OBRA.

Já indicamos anteriormente que não existe entre os estudiosos um consenso pleno sobre a data e lugar da composição do Evangelho, entretanto, neste trabalho tomamos partido daqueles estudiosos que adotam a data da queda de Jerusalém e a destruição do Templo, em 70 d.C., sob Tito, filho do imperador Vespasiano, em Roma²³. Os pontos que demarcam essa data será o contexto das perseguições em Roma por volta de 64 d.C. e a destruição de

²⁰ Cf. DELORME, J, 1985. **Leitura do EVANGELHO segundo Marcos**. p. 9.

²¹ GRENZER, Matthias e FERNANDES, A. Leonardo, 2012. **Evangelho segundo Marcos: Eleição partilha e amor**. p. 17.

²² Cf. NEVES, C. Joaquim, 2002. **Evangelhos Sinópticos**. p. 303.

²³ Entretanto é bom salientar que alguns especialistas em Marcos afirmam que o local da composição foi a Palestina.

Jerusalém pelo exército romano em 70 d.C.²⁴ assim, na impossibilidade de determinar uma data precisa, estudiosos atribuem a Marcos uma data situada entre os anos 64 e 70 d.C.²⁵.

As evidências indicam que o livro teria sido escrito em Roma, após a morte de Pedro, bem como consta em outros documentos do século II, o Prólogo Antimarcionita, e o escrito de Irineu de Lião. Combinando esses dados da tradição com as indicações do próprio evangelho, pode-se dizer que foi em Roma²⁶. A favor dessa teoria encontra-se Clemente de Alexandria²⁷ e a possível relação entre Marcos, Pedro e Paulo em Roma²⁸.

Em relação aos destinatários do Evangelho de Marcos com toda a probabilidade foi escrito para a Igreja de Roma, em boa parte para leitores cristãos provenientes do paganismo, homens e mulheres convertidos, uma vez que o escritor se vê obrigado a explicar certas instituições e costumes dos judeus²⁹. Dentre as explicações de certas instituições e costumes dadas ao povo judeu pelo autor, cito: *Effatha*, que quer dizer “Abre-te”. (Mc 7, 34); *Abba*, que significa *Pai* (Mc 14, 36); *Eloí, Eloí lema sabachtâni*, que traduzido significa: Deus meu, Deus meu, por que me abandonastes? (Mc 15, 34)

No entanto, é uma comunidade que passa por várias dificuldades, o que lhes obriga a delinear claramente sua fé em Jesus. A perseguição de Nero já havia iniciado e esta provoca uma situação de insegurança e instabilidade na população, e os ecos da guerra judaica na Palestina também chegam a Roma. Levando em consideração que não se distinguia claramente os judeus dos cristãos, Marcos teria escrito uma obra para encorajar os que podiam, de um momento a outro, sofrer o martírio.

Outro fato que contribui para a escrita do evangelho foi a morte dos primeiros discípulos. A catequese narrativa de Marcos é um esforço para colocar por escrito a tradição apostólica fundante que a primeira geração de discípulos deixou como herança às demais.

1.5 VISÃO GERAL SOBRE A ESTRUTURA DO EVANGELHO.

O evangelho de Marcos como qualquer obra literária tem sua estrutura. Houve quem julgasse o evangelho como um aglomerado de perícopes, sem qualquer nexos, e, portanto, sem

²⁴ Cf. DELORME, J, 1985. **Leitura do Evangelho segundo Marcos**. p. 11.

²⁵ Cf. KUMMEL, Werner, 1982. **Introdução ao Novo Testamento**. p. 117.

²⁶ Cf. BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo e MAGGIONI, Bruno, 1992. **Os Evangelhos (I)**. p. 428.

²⁷ *Hypotyposes*, op. EUSÉBIO, *His. Eccl.* VI, 14, 5-7.

²⁸ Cf. NEVES, C. Joaquim, 2002. **Evangelhos Sinópticos**. p. 300.

²⁹ Cf. *Ibid.*, p. 298.

qualquer estrutura literária, a ser estudado e lido. Mas a verdade é que cada evangelista tem a sua estrutura, pois estes não são simples colecionadores de ações e pregações de Jesus, mas, sim, verdadeiros transmissores da tradição e fé recebidas.

É evidente a complexidade em desenvolver uma estrutura única e aceita por todos os estudiosos do livro. Dentre as inúmeras possibilidades de estruturação do livro de Marcos apresento a seguinte:

A. Introdução

- 1,1: Título do escrito: “Início do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus.”

Apresentação do personagem principal: Jesus de Nazaré, que deve ter sua competência duplamente reconhecida: primeiro por João Batista (batismo), depois, pelo Espírito Santo (tentação no deserto)

- 1,1-13 — Introdução ou Prólogo de João Batista a Jesus

B. 1º Parte – Revelação do Cristo, como o Evangelho vivo enquanto é o Messias que proclama o Reino de Deus (1,14 – 8,30)

- 1ª Seção: 1,14–8,30 — Primeira parte: Quem é Jesus?
- 2ª Seção: 1,14–3,6 — Atuação de Jesus e a resposta dos fariseus
- 3ª Seção: 3,7–6,6a — Jesus e o povo
- 4ª Seção: 6,6b–8,30 — Jesus e os discípulos

C. 2º Parte – Revelação do Filho de Deus (8,31–16,8)

- 1ª Seção: 8,31–10,52 — Jesus a caminho de Jerusalém, anuncia sua morte e ressurreição
- 2ª Seção: 9, 2-10,52 – Da Transfiguração à Paixão
- 2ª Seção: 11,1–13,37 — Jesus em Jerusalém
- 3ª Seção: 14,1–16,8 — Paixão, morte e a proclamação da Ressurreição em Jerusalém.

D. Epílogo: A mensagem da Ressurreição às mulheres (15, 40-16,8)

E. Conclusão do Evangelho³⁰: Narrativas das aparições de Jesus ressuscitado (16,9-20)³¹.

³⁰ A conclusão do segundo Evangelho (16, 9-20) deu lugar a longas discussões, pois o estilo é tido como diferente, assim, alguns escritores afirmam que este final não fazia parte do Marcos original, este seria o final, mas longo. Para alguns estudiosos o original de Marcos é o final breve, 16,8, esta seria a conclusão, o restante seria acréscimo.

Ainda, segundo Monasterio e Carmona:

O texto primitivo tem chegado a nós de uma forma completa e substancialmente boa, atestado em papiros, manuscritos, traduções, lecionários e testemunhos dos escritos eclesiásticos que remontam até os inícios do século III. O evangelho possui 16 capítulos (1, 1-16,8), com um apêndice (16, 9-20), acrescentado numa época tardia, mas há indícios de sua existência a partir do ano 150. Os versículos 7, 16; 9 44-46; 11, 26; 15, 28 tão pouco pertencem à obra primitiva, por isso não são autênticos³².

Na primeira parte o acento está no mistério da identidade de Jesus; é dominada pela indagação: Quem é Jesus? Todo o percurso deste primeiro momento irá focar na tentativa de responder essa questão. A segunda parte se ocupa do misterioso destino messiânico de Jesus. Jesus, conhecendo a vontade de seu Pai, identifica-se com ela e a leva à concretude plena. O segundo acento se dá na figura do Messias Sofredor e Filho de Deus. O centurião romano proclama Jesus como Filho de Deus: “Verdadeiramente este homem era Filho de Deus” (Mc 15,39). Por fim, segue-se o epílogo e a conclusão do evangelho.

1.6 CARACTERÍSTICAS LITERÁRIAS E TEOLÓGICAS

O Evangelho de Marcos foi escrito no grego *koiné*, isto é, vulgar, um grego corrente, usado na bacia mediterrânea oriental, no século I de nossa era. Trata-se, com efeito, não de um período clássico e nem muito menos o que falavam os letrados daquela época. Longe de ser um grego erudito, esse estilo popular demonstra que é próprio da língua falada e não escrita. Portanto, é uma linguagem popular, e, no caso de Marcos, com grande influência semita³³.

O evangelho de Marcos é considerado breve e sucinto em relação aos demais, contudo, ele não se torna superficial por sua brevidade. O autor demonstra pouco cuidado no vocabulário, liberdade na sintaxe grega, e seu vocabulário não é um dos mais ricos. Marcos

³¹ Esquema geral do evangelho de Marcos montado a partir de dados das aulas de Bíblia da Faculdade de São Bento e dos Livros: 1. Cf. MONASTERIO, A. Rafael e CARMONA, R. Antonio, 1994. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. p. 105. 2. Cf. NEVES, C. Joaquim, 2002. **Evangelhos Sinóticos**. p. 311.

³² MONASTERIO, A. Rafael e CARMONA, R. Antonio, 1994. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. p. 97.

³³ Cf. AUNEAU, J, 1985. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. p. 75.

abusa em seu relato de certas palavras que, por serem empregadas com demasiada frequência, perdem sua força, por exemplo: “e logo”, “de novo”, “grande”, “muito”, “começar”. Essas palavras são usadas com muita frequência no evangelho, só a expressão “de novo” aparece no texto 28 vezes. Marcos não se preocupa com variedade; não procura equivalências para verbos usuais, muitas vezes emprega uma mesma expressão para traduzir atitudes distintas: o chamado de Jesus (3, 13.23; 6,7; 7,14; 8, 1.34; 10, 42; 12, 43; 15, 44) nem sempre tem a mesma conotação: chamado para receber um ensinamento, vocação no sentido lato³⁴. O vocabulário está composto de 1.345 palavras, das quais 60 são nomes próprios e 79 são *hapax*, isto é, únicas no Novo Testamento. Com este vocabulário, o autor compõe sua obra de 11.242 palavras³⁵.

Seu relato é vivo e realista, podendo ser avaliadas de forma honesta as qualidades literárias do autor. O que não se coloca em dúvida é a coerência do escrito que pretende apresentar, sem retórica e falso pietismo, a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo. Assim, portanto, esse evangelho torna-se conhecido por sua sinceridade. Marcos é extremamente franco em sua narrativa, ele não hesita em mencionar a falta de entendimento dos discípulos (4,13; 6,52; 8, 17-21; 9, 10-32), e também que a própria família de Jesus o considerava como enlouquecido: “e quando os seus tomaram conhecimento disso, saíram para detê-lo, porque diziam: Enlouqueceu” (3, 21).

Sin embargo, Marcos va a desarrollar El “Evangelio” en una sucesión a la que pertenecen también los hechos previos a La Pasión-Resurrección de Jesús. Tales acontecimientos no pretenden ser independientes de La Pasión-Resurrección: en cada um de ellos la historia de la Pasión es um hecho central[...] Por lo tanto, se puede inferir que Marcos intenta desarrollar el anuncio Pascual y el relato de la historia de la Pasión a partir de datos previos que llegan hasta los orígenes de la actividad de Jesús. De esta forma, se determinan los elementos necesarios para pertenecer a este género literário creado por Marcos: Orígenes em el movimiento bautista, anuncio em Galilea, subida a Jerusalén y enfrentamiento final com los poderes judío y romano, condena y ejecución, sepultura y resurrección³⁶.

Como nos fala Cisterna, o Evangelho de Marcos se orienta em direção aos acontecimentos mais importantes da vida de Jesus: julgamento, paixão, morte e a ressurreição do Filho de Deus. Com seu caráter narrativo a obra passa toda a vida de Cristo, desde suas

³⁴ Cf. Ibid., p. 75 – 76.

³⁵ Cf. MONASTERIO, A. Rafael e CARMONA, R. Antonio, 1994. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. p. 99.

³⁶ CISTERNA, E. Félix, 2012. **El Evangelio de Marcos**. p. 27.

obras às suas pregações. Prevaecem também na narrativa concernentes a vida de Jesus, os milagres, controvérsias e narrativas biográficas³⁷.

Não se pode deixar de lado o caráter peculiar do texto de apresentar a vocação dos discípulos³⁸: “depois subiu à montanha, e chamou a si os que ele queria, e eles foram até ele. E constituiu os Doze, para que ficassem com ele, para enviá-los a pregar e terem autoridade para expulsar os demônios [...]” (Mc 3, 13-19).

A obra de Marcos é fundamentalmente teológica, tendo a cristologia como seu lugar central. Sua cristologia é admirável, Marcos possui um conhecimento surpreendente acerca de quem era Jesus, fazendo observações, narrando detalhes, atos e reações do Senhor em momentos específicos de seu ministério. Dessa forma, Jesus é apresentado como verdadeiro homem, tinha todas as necessidades de um ser humano, ele precisava orar (1, 35; 6, 31), comer (2, 16), beber (15, 36), sentia fome (11, 12), ele se entristecia (3, 5), se indignava (10, 14). Marcos também apresenta Jesus como verdadeiro Deus, e não há negação da divindade de Jesus, este é descrito como aquele que tem domínio soberano sobre a enfermidade (1, 40-45; 8, 22-25; 10, 46-52), sobre os demônios (1, 32-34), sobre a morte (5, 21-24, 35-43). Na cristologia de Marcos a natureza humana e divina encontra-se em uma perfeita harmonia em Jesus Cristo.

Se observarmos o início de cada um dos evangelhos sinóticos (Mc, Mt, Lc), veremos que cada autor se propõe a um tipo de obra diferente: Marcos apresenta seu trabalho como um “evangelho, “Evangelho de Jesus Cristo Filho de Deus”(1,1); Mateus escreve o livro das “origens” de Jesus Cristo; Lucas, um “relato ordenado”³⁹.

Ao usar o termo “evangelho”, Marcos não o explica nem define, porque supõe já conhecido pelos leitores: é o Reino de Deus anunciado, esperado, inaugurado na pessoa de Jesus. Evangelho é a “Boa Nova”, a Salvação trazida por Cristo e pregada pelos apóstolos. O termo “evangelho” é a chave de leitura para todo o livro. Unificando elementos e planos: é sempre algo unido intimamente à pessoa de Jesus. Com efeito, “evangelho” aparece 7 vezes na obra de Marcos (e mais uma no final longo: 16,15).

A intenção de Marcos ao escrever o livro é o anúncio de Jesus, o Messias (Cristo) e Filho de Deus. Entre os inúmeros temas teológicos do evangelho alguns se destacam: O Reino de Deus (*Basiléia tou theou*), apontamos que o Reino de Deus em Marcos é algo intimamente ligado à pessoa de Jesus, que o prega como algo iminente (1,15).

³⁷ Cf. MARCONCINI, Benito, 2001. **Os Evangelhos Sinóticos**. p. 97.

³⁸ Outras passagens bíblicas que apresentam a vocação dos discípulos: Mc 1, 16 -20; Mc 2, 13-17.

³⁹ Cf. AUNEAU, J, 1985. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. p. 97.

A pregação de Jesus é a proclamação de que o Reino de Deus está chegando através de sua missão. Mc 1, 14-15 resume o sentido deste anúncio. O Reino é a Nova Aliança, a comunhão total, definitiva, de Deus com todos os homens. Jesus não dá uma definição do Reino; pois sua realidade inesgotável não pode se delimitar pelas palavras e imagens humanas. Apresenta pistas para a fé. O Reino é a plenitude de todas as promessas [...]. O Reino não se confunde com uma raça, com um povo, com uma política [...], pois enquanto um dom gratuito é a construção de uma nova comunidade de amor. Este Reino está próximo, porque ele é uma realidade já presente, mas ao mesmo tempo sempre futura⁴⁰.

Outro ponto teológico que Marcos apresenta a respeito de Jesus são os diversos títulos: Jesus (1,1; 1,24; 16,19); Filho de Davi (10,47-48); Senhor (7,28); Mestre (14,14); Profeta (6,4); Filho do Homem (2, 10, 28; 8, 31-38). Mas, nenhum destes títulos parece exprimir exatamente quem é Jesus. Por isso, Marcos prefere outros dois: Cristo e Filho de Deus. Teologicamente outra característica essencialmente importante no Evangelho é sobre o “Segredo messiânico”. Jesus impõe silêncio aos demônios e aos que foram curados (1, 25; 1, 34; 1, 44-45; 3, 11-12). Impõe silêncio às três testemunhas da ressurreição da filha de Jairo (5, 43) e da transfiguração (9,9), também há imposição do silêncio sobre os milagres (7, 36; 8,26) e sua missão (8,30).

Mas qual a necessidade do segredo messiânico? Seguindo os estudos do exegeta alemão W. Wrede, o segredo messiânico é uma teoria do evangelista. A finalidade do segredo messiânico parece ser a seguinte: corrigir progressivamente a falsa ideia que judeus e discípulos tinham em relação ao messias. Com efeito, a revelação em Jesus só será concluída e plena após a morte e ressurreição, isto é, somente após a experiência pascal os judeus e os discípulos compreenderão perfeitamente quem é Jesus: sua pessoa, sua obra, sua doutrina. Por isso, a ordem de silêncio está unida à Cruz e à Ressurreição⁴¹.

Por fim, Sloyan, define o plano teológico de Marcos a fim de mostrar o sentido da pessoa e missão de Jesus. Sua proclamação, que visa suscitar a fé, desenvolve-se num dinamismo bem arquitetado. Marcos dirige seu anúncio para um ambiente bem determinado e que se caracteriza por duas realidades: controvérsia com os judeus que recusam acreditar em Jesus, e a pregação em vista da formação da comunidade cristã⁴².

⁴⁰ SLOYAN. S. Gerard, 1975. **Evangelho de Marcos**. p. 11.

⁴¹ Cf. *Ibid.*, p. 8-9.

⁴² Cf. *Ibid.*, p. 8.

2. MARCOS E A MISSÃO

2.1 CARACTERÍSTICA DA MISSÃO EM MARCOS

Toda a problemática relacionada à missão que tanto domina na tradição paulina é muito viva na literatura dos quatro livros, assim, será também no evangelho segundo Marcos. Entretanto, faz-se claro que os evangelhos não são tratados teológicos ou muito menos cartas pastorais que se ocupam diretamente com problema, tais como a missão dos homens ou salvação do mundo. Mas, são antes de tudo narrativas que contam história extraída do passado. Porém, é característica peculiar dos quatro evangelhos evocarem o passado a fim de proclamar o significado da fé cristã para o presente e futuro.

Não obstante o evangelho de Marcos ser escrito no intuito de reavivar nos cristãos a memória de Jesus nas diversas comunidades espalhadas por Roma e região e, deste modo, conseguir responder à questão: como ser discípulo (a) de Jesus em meio a situações complicadas que viviam no momento? ⁴³ É notório que os evangelhos, em especial o de Marcos, se destinavam a proporcionar as comunidades da época perspectiva recente de glória em tempos difíceis. Período de vários conflitos com o império romano e de luta com os problemas básicos a respeito da responsabilidade cristã em relação ao mundo.

Desta forma, o livro de Marcos é sem dúvida, literatura de missão no sentido mais lato. Porque não dizer que Marcos é um documento de missão para a própria Igreja, destinado a justificar, renovar e motivar a reivindicação da Igreja sobre a herança do próprio ministério derrubador de fronteiras de Jesus? ⁴⁴

“Para o evangelista Marcos, o mandato missionário assumirá os seguintes valores: a itinerância (-ide), a universalidade (-por todo mundo), a dimensão cósmica (-a toda criatura). A evangelização será catecumenal: anunciai. Também o conteúdo será muito simples: a boa nova” ⁴⁵. Em Marcos a missão acontece à imagem de um peregrino, isto é, caminhando. Fundamentalmente toda a teologia da missão em Marcos acontece caminhando, o importante é ser peregrino, a missão se faz na estrada, no encontro com o outro. A espiritualidade marcana emerge deste modelo, uma espiritualidade que surge do êxodo ou do caminho. Por

⁴³ Cf. DORNELAS, Pe. Nelito, 1997. **Conversando com o Evangelista Marcos**. p. 11-18.

⁴⁴ Cf. SENIOR, Donald e STUHLMULLER, Carrol, 2010. **Os Fundamentos Bíblicos da Missão**. p. 315-316.

⁴⁵ COPPI, Pe. Paulo, 1994. **Por uma Igreja toda Missionária: Breve curso de missiologia**. p. 162.

isso a condição do bom e autêntico missionário em Marcos é necessariamente a condição do peregrino.

Jesus em Marcos é o modelo primordial de peregrino, o grande missionário. Jesus não se restringiu a um lugar específico ou a um grupo, e muito menos estabeleceu morada permanente; ao contrário, ele foi itinerante. Cristo pregou o evangelho na itinerância, “e foi por toda a Galiléia, pregando o Evangelho de Deus”, (Mc 1,14); “Então partiu e começou a proclamar na Decápole” (Cf. Mc 5, 1-20); “Foi para o território de Tiro.[...] em seguida passando por Sidônia[...].” (Mc 7, 24-31).

A intenção e finalidade primária de Jesus com as inúmeras viagens era de se apresentar em seu mundo circunstancial para assim criar um grupo de seguidores, por isso logo no início do evangelho ele chama quatro pessoas para o seguir.⁴⁶ “Caminhado junto ao mar da Galileia, viu Simão e André, o irmão de Simão. Lançavam a rede ao mar, pois eram pescadores. Disse-lhes Jesus: Vinde em meu seguimento e eu vos farei pescadores de homens “[...], um pouco adiante viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão [...] e logo os chamou” (Mc 1, 16-20).

É possível observar a temática do peregrino que se faz presente do início ao fim do evangelho, nas viagens de Jesus e dos discípulos; essas são necessariamente as motivações e conteúdos que conferem ao evangelho de Marcos o caráter basicamente missionário. A mensagem cristã é descrita como caminho, como transmissão móvel da dinâmica Palavra de Deus.

O tema do caminho ou da viagem parece impregnar toda a amplitude do Evangelho de Marcos. A viagem é anunciada na citação de Isaías 40, 3 (Mc 1, 2-3), anunciando o caminho do Senhor. O mistério de João (Mc 1,48) é o advento do caminho, e Jesus é a sua encarnação. Ele é claramente designado como Filho amado de Deus (1, 11;9,7; 12,6). O seu caminho o leva para Galileia, para um mistério potente e quase ofegante de cura, de exorcismo, de ensino e de conflito. A hostilidade que se eleva no princípio do ministério de Jesus (cf. 2, 1-3,6) indica a direção que deve tomar a viagem do Filho de Deus. O Filho do homem precisa ir a Jerusalém e entregar a sua vida por amor de muitos (cf. 10,33; 8,31 ; 9,31; 14,21)⁴⁷.

Jesus Cristo é o mensageiro de Deus, o anunciador do Reino de Deus que traz a Boa Nova, Ele é o grande e perfeito missionário do Pai. Onde Jesus passa, cresce a vida, floresce o amor pela vida; este Homem que cura os enfermos, acolhe os desvalidos, sara os perturbados

⁴⁶ CALLE, Francisco, 1984. **A Teologia de Marcos**. p. 62.

⁴⁷ SENIOR, Donald e STUHLMULLER, Carrol, 2010. **Os Fundamentos Bíblicos da Missão**. p. 323.

e perdoa os pecadores é verdadeiramente o Filho do Altíssimo o enviado a este mundo para nos salvar⁴⁸.

Marcos busca transmitir fielmente o conteúdo e o impulso básico do mistério do reino que Jesus pretende construir entre os homens e mulheres deste mundo. Marcos apresenta claramente o tema do Reino com a tônica do mistério de Jesus, ou seja, a missão de Jesus define o real significado do Reino de Deus. A atividade de Jesus consiste prevalentemente em anunciar o reino de Deus ou o evangelho de Deus (Mc 1, 14.15.39). “Marcos descreve Jesus anunciando o Reino de Deus, em suas palavras e em suas ações, predominantemente na primeira parte do evangelho”⁴⁹. Dentro deste aspecto missionário, as dimensões proféticas do reino do mistério de Jesus tampouco são negligenciadas na narração de Marcos. No relato deixado por São Marcos Jesus é caracterizado com o dom da comunicação, um homem impelido a comunicar uma mensagem a outros, exercendo o poder em benefício de muitos. Logo, essa comunicabilidade de Jesus tornar-se-á essencial para qualquer teologia de missão, é a própria convicção da comunicabilidade inata da pessoa e da mensagem de Jesus⁵⁰.

O gênero narrativo adotado por Marcos imprime um dinamismo no próprio Jesus e na sua mensagem; torna-se um tipo de comunicação que envolve um convite e uma resposta. É tão séria essa adesão em comunicar a salvação aos filhos de Deus que a coroa da vitória de Jesus será a cruz. O evangelho é revelação explosiva, convite completo, essencial para qualquer teologia da missão. O evangelista, no desejo de tornar essa mensagem de Jesus mais viva e penetrante, escolhe formas de narrativas dinâmicas, para o bom entendimento do povo e assim sinalizar o caráter missionário do texto.

Donahue faz uma profunda conclusão de algumas implicações de missão:

Em Marcos, Jesus é a parábola de Deus que se encontra presente em tempo privilegiado (*kairós*) e que intima os que o ouvem à fé radical e à conversão radical (1,14). Este Jesus é uma figura de poder em conflito com poderes do cosmo e os poderes da dureza de coração (3,5; 6,52; 8,17). Todavia, arruinado e abandonado pela fonte de todo poder, ele morre como o radicalmente impotente. Durante a sua vida, o seu poder é manifesto, porém escondido⁵¹.

⁴⁸ Cf. PAGOLA, Antonio José, 1994. **O Caminho Aberto por Jesus**. p. 50.

⁴⁹ MALONEY, Elliott, 2008. **Mensagem urgente de Jesus para hoje: O reino de Deus no Evangelho de Marcos**. p. 61.

⁵⁰ Cf. SENIOR, Donald e STUHLMULLER, Carrol, 2010. **Os Fundamentos Bíblicos da Missão**. p. 321.

⁵¹ Ibid., p. 346.

Na mesma direção de Donahue, Senior e Stuhlmüller brilhantemente concluem a teologia da missão em Marcos:

A força inerentemente dinâmica da narrativa de Marcos, o seu retrato de Jesus, dos seus opositores e dos seus discípulos, e a sua mensagem fundamental da salvação cósmica adquirem para este Evangelho o título de “livro de Missão”. Não só a missão possui realmente lugar firme no Evangelho de Marcos, mas também ela passa para o primeiro plano justamente naqueles textos e temas em que se encontram no centro da preocupação do evangelista. Marcos convida a Igreja a dedicar-se à poderosa missão redentora de Jesus, missão que abraçava judeus e gentios. Esta missão, porém, será autêntica só quando a comunidade for transformada por um Jesus servo e por sua cruz⁵².

Vários outros aspectos da missão em Marcos e do missionário perfeito, Jesus Cristo, poderíamos destacar aqui, porém, buscamos mais dedicar aos pontos apresentados, destacando, sobretudo o aspecto da missão do peregrino, a missão que se constitui no caminho.

2.2 AUTORIDADE DE JESUS NA VIDA DE MISSÃO

A temática do reino de Deus é fortemente marcada no escrito de Marcos, logo de início do evangelho observamos que a primeira tarefa de Jesus é proclamar o Reino de Deus. “Depois que João foi preso, veio Jesus para a Galiléia proclamar o Evangelho de Deus: Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo” (Mc 1, 14-15). Marcos resume o ministério de Jesus como àquele que anuncia o Reino.

Os primeiros treze versículos do livrinho de Marcos relatam de maneira concisa o antecedente que encaminha e prepara o anúncio do Reino de Deus, por Jesus, na Galiléia. O início daquela “boa nova” (evangelho), que ressoará de forma vigorosa na palavra de Jesus: O reino de Deus está próximo (Mc 1 15b), é constituído pelo gesto e pela palavra de João, o Batista, no deserto. Ele é o ponto de chegada de longa espera e preparação histórica de Israel e o ponto de partida do novo curso de história⁵³.

⁵² Ibid., p. 347.

⁵³ BARBAGLIO, Giuseppe, FABRIS, Rinaldo e MAGGIONI, Bruno, 1990. **Os Evangelhos (I)**, p. 430.

O Jesus proclamado pelo Evangelho de Marcos é o Cristo Jesus transcendente, cujas palavras e ações desvendam o poder salvador do Deus de Israel. A extensão universal, cósmica ao propósito salvador de Deus faz assim de Jesus uma figura que quebra os vínculos do estreito e do particular. A crença em um Jesus tão transcendental deveria inevitavelmente levar a um horizonte mundial de interesse.

Portanto, logo de início Jesus é apresentado como o Messias, Filho de Deus, representante régio de Deus, e com sua obediência ao Pai trará a Salvação para o povo de Deus, através da proclamação do Evangelho; porque só será possível construir o reino de Deus aqui na terra desta maneira. Jesus é o filho amado do Pai (Mc 1,1) que desde o início tem consciência da sua própria autoridade absoluta diante a missão. Ele é impelido pelo Espírito Santo a anunciar a todo canto a Boa Nova do reino. “E logo o Espírito o impeliu e uma voz veio dos céus: Tu és meu Filho amado, em ti me comprazo” (Mc 1, 10-11). E será nesse anúncio que o Cristo irá manifestar o reino do seu Pai. Jesus aplica a si mesmo o título de Filho do Homem, aquele que tem autoridade de julgar todas as pessoas, que tem autoridade de perdoar os pecados e de agir com solene liberdade diante deste mundo. “Pois bem, para que saibais que o Filho do Homem tem poder de perdoar pecados na terra[...]” (Mc 2, 10) Deste modo, concluímos que a autoridade de Jesus tem uma grande e profunda relação com a temática, Filho do Homem, Anúncio do Evangelho e Reino de Deus. De modo que seja impossível desassociar essas características fundante da pessoa de Jesus ⁵⁴.

Jesus de fato na compreensão dos cristãos é a única autoridade constituída, como modelo a ser seguido. Ele é o bom mestre, ou seja, o Bom Pastor que apascenta seu rebanho. Essa realidade é facilmente encontrada nos evangelhos em especial em Marcos, que desde o início da missão pública de Jesus, revelou a liberdade e autoridade surpreendente de Jesus. O Filho do Homem agiu livremente diante dos doutores da lei, da absolutização das leis e costumes, dos conterrâneos, dos familiares, dos discípulos, do templo, dos miseráveis e excluídos, do estrangeiro, da missão e diante até da própria morte.

Na fidelidade de anunciar o evangelho e revelar seu Pai que estas nos céus, Jesus intensifica o exercício de sua absoluta autoridade. Entretanto, Ele exerce esse poder em serviço da integridade da vida de todas as pessoas. Jesus exerce sua autoridade sobre os demônios, espíritos impuros, Satanás (Cf. Mc 1, 12; 23-26; 3, 22-23; 5, 1-15; 9, 38); autoridade sobre os endemoninhados(cf. Mc 1, 32); autoridade na cura (cf. Mc3, 7-11);

⁵⁴ Cf. COLAVECCHIO, Ronaldo, 2005. **O Caminho do Filho de Deus: Contemplando Jesus no Evangelho de Marcos**, p. 81.

autoridade de perdoar os pecadores(Mc 2, 1-12). Em uma só ordem Jesus Cristo exerce de forma direta e eficaz sua autoridade, sobretudo aos espíritos impuros. Marcos especialmente irá dar ênfase sobre as ações poderosas de Jesus, sobre os demônios.

No endemoninhado de geraseno Jesus exerce sua autoridade sobre uma legião de demônios que estava num homem. Basta a presença de Jesus para causar impotência nos espíritos imundos, que pedem uma concessão para entrarem nos porcos.

Chegaram do outro lado do mar, à região dos gerasenos. Logo que Jesus desceu do barco, caminhou ao seu encontro, vindo dos túmulos, um homem possuído por um espírito impuro: habitava no meio das tumbas e ninguém podia dominá-lo, nem mesmo com correntes. [...] Ao ver Jesus, de longe, correu e prostrou-se diante dele, clamando em alta voz: Que queres de mim, Jesus filho do Deus altíssimo? Conjurote por Deus que não me atormentes! E Perguntou-lhe: Qual é o teu nome? Respondeu: Legião é o meu nome, porque somos muitos. [...] Ora havia ali, pastando na montanha, uma grande manada de porcos. Rogava-lhe, então, dizendo: Manda-nos para os porcos, para que entremos neles. Ele o permitiu. E os espíritos impuros saíram, entraram nos porcos e a manada – cerca de dois mil- se arrojou no mar, precipício abaixo e eles se afogaram no mar [...](Cf. Mc 5 1-13).

Nos inúmeros exorcismos de Jesus encontramos o poder salvador do reino, o verdadeiro evangelho de Deus. Uma Boa Notícia trazida por Jesus e libertar as pessoas dos poderes do mal, do diabo, do demônio, do Belzebu, de Satanás, para assim chegar à implantação definitiva do Reino de Paz.

Na verdade Jesus propõe um novo modelo de autoridade, uma autoridade novíssima que procede do amor indissolúvel e incondicional de Deus. Uma autoridade transformadora destinada a impregnar a fé e a vida da comunidade cristã. Este intuito de Jesus expressa fielmente a finalidade de sua missão e os plenos poderes salvíficos que lhe foram conferidos pelo Pai.

Esse novo modelo de autoridade inaugurado pelo Messias é tão forte que chega ao ponto de romper com o antigo modelo de autoridade veterotestamentária. Os fiéis de Israel atribuíram uma autoridade extrema aos escribas, os teólogos do tempo. Dedicam-se ao estudo da lei, têm-se na conta de intérpretes autorizados do querer de Deus e ficam procurando com isso o primeiro lugar nos banquetes, isto é, ter um lugar privilegiado na sociedade (Mc12, 38). Mas esse tipo de autoridade não tem cabimento na comunidade dos cristãos, na qual o maior é o servo de todos e na qual a salvação de Deus, a interpretação sem igual do querer de Deus, esta nas mãos de Jesus. Cristo teve em vida a mesma autoridade de Deus; autoridade esta, que ficou velada aos dirigentes de Israel, mas que os cristãos reconhecem (Mc 11, 27-33). Sob seu

mandato, está se construindo a comunidade nova; cada uma das suas palavras, assim como transmite o evangelista Marcos, está garantida pelo próprio Deus. Jesus com seus atos e palavras é a única autoridade cristã no meio dos homens e mulheres⁵⁵.

2.3 ELEIÇÃO DOS DOZE

A eleição dos doze discípulos de Jesus em Marcos se divide em três narrativas ao longo de todo evangelho (Mc 1, 16s. 19s; 2,14). Essas narrativas estão unificadas pela sua estrutura e pelo ambiente em que se dá, ao longo do mar da Galiléia que Jesus convoca os seus para o seguirem⁵⁶. Seguindo o texto de Marcos em 3, 13-19 teremos a plenitude do grupo, o rosto dos doze tornar-se-á concreto a partir daqui. Para Auneau, há como sintetiza essa unidade concernente aos discípulos da seguinte maneira: primeiro há uma categoria dos relatos de vocação (Mc1, 16-20; 3,13-19), uma instrução a respeito da missão (Mc 6, 7-13) e diversas instruções de forma variada (Mc 9, 33-35; 9, 38-40; 10, 35-45)⁵⁷.

Jesus Cristo proveniente da Galileia (Mc 1,9), lá inicia à sua pregação (Mc1, 14.39), e será lá também que irá juntar os primeiros discípulos e seguidores.

Caminhando junto ao mar da Galiléia, viu Simão e André, o irmão de Simão. Lançavam a rede ao mar, pois eram pescadores. Disse-lhes Jesus: Vinde em meu seguimento e eu vos farei pescadores de homens. E imediatamente, deixando as redes, eles o seguiram.

Um pouco adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, eles também no barco, consertando as redes. E logo os chamou. E eles, deixando o pai Zebedeu no barco com os empregados, partiram em seu seguimento. (Mc, 1, 16-20)

Do futuro grupo dos doze, Marcos aqui nos relata apenas o chamado de quatro discípulos: Simão, André, Tiago e João⁵⁸. Nessa breve cena admirável Marcos nos mostra como o chamamento de Jesus para participar de sua missão é poderoso e direto, “Vinde em meu seguimento” (Mc 1, 17), com essas palavras Jesus intima os quatro ao seguimento da

⁵⁵ Cf. CALLE, Francisco, 1984. **A Teologia de Marcos**. p. 107-108.

⁵⁶ Cf. MYERS, Ched, 1992. **O Evangelho de São Marcos**. p. 171

⁵⁷ Cf. AUNEAU, J, 1985. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. p. 61.

⁵⁸ Dos quatro nomes dos primeiros discípulos convidados por Jesus, só o de André é um nome grego; os demais são nomes de origem hebraica. (BURNIER, Penido, Frei Martinho, 1968. **Perscrutando as Escrituras: São Marcos**. p. 42.)

Verdade. Neste episódio há uma profunda ligação ao passar pela beira do mar⁵⁹ e concernentemente a função de pescadores, pois os primeiros são pescadores que estavam junto ao mar. O chamado não é feito em ambiente religioso, mas sim no cotidiano onde vive aquelas pessoas.

Os dois primeiros episódio do chamado (1, 16-20) são estruturado como dupla paralela, consistindo da seguinte ação em quatro partes: 1) Jesus caminha junto ao mar (1, 16^a.19^a); 2) ele encontra uma família de pescadores trabalhando em seu mister: a) Simão e o Irmão André lançando as redes(1,16b), b) Tiago e o irmão João consertando as redes(1, 19b); 3) chama-os para segui-lo(1, 17-20^a); 4) os pescadores abandonam o local de trabalho para segui-lo: a) Simão/ André deixam as redes (1,18); b) Tiago/João deixam os companheiros de trabalho no barco (1, 20b).

⁶⁰

Jesus continua sua peregrinação, ensinando e reunindo as multidões ao seu redor. Agora chega a vez de Jesus chamar um coletor de imposto, Levi, que imediatamente deixa seu trabalho para segui-lo. “E tornou a sair para beira-mar, e toda a multidão vai até ele; e ele os ensinava. Ao passar, viu Levi, o filho de Alfeu, sentado na coletoria, e disse-lhe: Segue-me. Ele se levantou e o seguiu” (Mc 2, 13-14). Levi que é chamado por pelo evangelista Mateus de “Mateus” (Mt 9,9), já Marcos e Lucas o chamam de Levi.

Jesus torna os seus discípulos participantes da missão que o Pai lhe tinha confiado. O chamamento de Jesus é sempre para dar a vida. A resposta é livre, nenhum discípulo foi obrigado a aderir ao projeto de Cristo, todos seguiram ao Mestre na liberdade.

Jesus até o presente momento escolhe pessoas os que têm ocupações simples e desprezíveis, Levi o desprezado pelos outros judeus, pois tinha uma função que colaborava com os romanos na cobrança de impostos para o imperador. Sua profissão colocava-o entre os pecadores reconhecidos pelos judeus, porém Jesus se apresenta como aquele que tem o poder de reconciliar o pecador com Deus, Jesus aqui torna presente a salvação de Deus para os excluídos e pecadores.

Por fim, Jesus conclui definitivamente o chamamento e reconhece por nome todos os seus seguidores. “Depois subiu à montanha, e chamou a si os que ele queria, eles foram até

⁵⁹ O termo “mar” ocorre também em Mateus e em João e em outros livros do AT (Cf.Nm 34,11; Js 13,27) como também no uso árabe e israelense posterior. Entre os evangelista somente Lucas usa sempre o nome “lago”. (BATTAGLIA, Oscar, URICCHIO, Francesco e LANCELOTTI, Angelo, 1978. **Comentário ao Evangelho de São Marcos**. p.28.) Ainda segundo Frei Martinho Penido Burnier, OP, a designação do lago pelo termo grego *thálassa*, que significa “mar”, é um hebraísmo ou semitismo, pois em hebraico tanto quanto nas demais línguas semíticas é costume designar por “mar” qualquer porção mais considerável de água. (BURNIER, Penido, Frei Martinho, 1968. **Perscrutando as Escrituras: São Marcos**. p. 42.)

⁶⁰ MYERS, Ched, 1992. **O Evangelho de São Marcos**. p. 171-172.

ele. Ele constitui Doze, [...] e impôs a Simão o nome de Pedro: Tiago, o filho de Zebedeu, e a João, o irmão de Tiago, impôs o nome de Boanerges, isto é, filho do trovão, depois André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, o filho de Alfeu, Tadeu, Simão o zelota. E Judas Iscariot[...]" (Cf. Mc, 3, 13-19). "Os que Jesus escolheu não são puros, nem heróis; são galileus – com exceção de Judas que vem da Judéia, homem de classe média- os quais partilham as esperanças e os medos do seu ambiente"⁶¹.

A perícope da escolha dos doze é situada sobre a montanha⁶², no alto, na proximidade de Deus, Jesus que se afasta do povo e busca a presença do Pai. O monte lugar de oração (Mc 6,46), lugar de proximidade de Deus, lugar que Cristo escolhe para constituir os doze. De livre e espontânea vontade Jesus chama os eleitos a si e leva-os consigo às regiões onde Deus habita. "No monte, Jesus se mostra senhor de suas decisões: chama os que ele *desejava* escolher. Marcos dá a entender que por trás desse *desejava* há uma longa história, algo bem pensado e planejado"⁶³.

Entretanto, vale lembrar que Marcos menciona dois grupos que seguem a Jesus: os discípulos e os doze. São grupos intimamente relacionados, mas separáveis; os discípulos constituem uma amplidão maior, em relação aos doze que foram escolhidos. Neste grupo tinha aqueles que o seguiam (Mc 2, 15), as mulheres que o seguiam e o serviam na Galiléia e haviam subido com ele a Jerusalém, embora Marcos não lhes dê o nome de discípulos (Mc 15, 41). Do grupo dos doze só tomam parte os componentes da lista apresentada em Mc 3, 16-18. Todavia, os dois grupos fundamentalmente têm duas notas características comuns, ser um grupo cristológico ao serviço do Reino, e o de ter como tarefa principal conhecer a Jesus⁶⁴.

2.4 MARCOS 3, 13-14 PREPARA PARA A MISSÃO

O evangelista São Marcos é tão preciso na narração que antes do envio dos doze a missão nos relata uma conversa de instrução para aqueles que vão sair a propagar o Reino de

⁶¹ BARBAGLIO, Giuseppe, FABRIS, Rinaldo e MAGGIONI, Bruno, 1990. **Os Evangelhos (I)**. p. 454.

⁶² Termo montanha, *horos* em grego, pode sofrer influência do aramaico palestinese, onde *thýra* significa ora montanha, ora descampado, em oposição a todo lugar habitado.

⁶³ BORTOLINI, José, 2003. **O Evangelho de Marcos: para uma catequese com adultos**. p. 71.

⁶⁴ Cf. MONASTERIO, A. Rafael e CARMONA, R. Antonio, 1994. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. p. 142-143.

Deus. No seu escrito Marcos transmite as instruções dadas por Jesus a seus discípulos; de como deveriam se portar na vida de missão. “Depois subiu à montanha, e chamou a si os que ele queria, eles foram até ele. Ele constitui Doze, para que ficassem com ele, para enviá-los a pregar, e terem autoridade para expulsar os demônios” (Mc 3,13-14). Esta seção poderia intitular-se, aprendizagem vocacional, Jesus está a iniciar os doze nos mistérios messiânicos: segredo de nova família (Mc3, 20-34), de novo conhecimento do reino (Mc 4, 1-34).

Jesus confere aos doze algumas incumbências na vida de missão que eles terão daí para frente, estar com ele, anunciar o evangelho e a autoridade diante da missão para expulsar os demônios. Primeiramente o importante é conviver com Jesus, ser discípulo de Jesus e antes de tudo ser aprendiz. E para aprender é necessário estar com ele, ser fiel, ser atento, ser crente, e, sobretudo, estar sempre disponível. Porque o conteúdo da pregação dos discípulos de Jesus não difere do dele. Além disso, fala-se de autoridade para expulsar demônios, pois para ser discípulo de Jesus não basta cultivar a espiritualidade, mas é preciso, como ele, pregar e libertar de todas as formas de alienação e diminuição da vida⁶⁵.

Fica evidente que o ensinamento que Jesus aqui quer transmitir ao novo grupo dos doze a necessidade deles proclamar a Boa-Nova com autoridade. Não se trata simplesmente de conviver com ele para aprender fielmente uma tradição, uma cultura ou até mesmo um novo jeito de ser. Trata-se, antes, de conviver com ele para chegar a ter a mesma autoridade de sua nova palavra. Para isso é preciso aderir a ele, ter fé, e fazer parte de sua casa.

É claro e evidente que no entendimento de Marcos, estar possuído por espíritos impuros é o oposto de estar capacitado pelo Espírito de Deus⁶⁶. Por isso, a primeira instrução é estar com Ele, estarem cheios de Deus e não dos maus espíritos, porque somente estando repletos do espírito de Deus que será possível ter a mesma autoridade de Jesus, poder proclamar a Boa Notícia e purificar os de maus espíritos. Jesus deseja ardentemente compartilhar a autoridade que recebe do Pai com aqueles que Ele escolheu.

A partir do momento que os doze forem enviados a missão para proclamar a Salvação essa terá de ser como a de Jesus, com autoridade, e a autoridade estará igualmente na capacidade de purificar o povo. Expulsar demônio será a capacidade de resistir e de vencer as forças estranhas que dominam e alienam as pessoas de aderir ao Reino de Deus. Claramente notamos em Marcos a figura do Cristo catequista, Jesus catequiza os seus doze para a ação

⁶⁵ Cf. BORTOLINI, José, 2003. **O Evangelho de Marcos: para uma catequese com adultos**. p. 73.

⁶⁶ Cf. SOARES, Gameleira, Armando, Sebastião e JUNIOR, Luiz, Correia, João, 2002. **Evangelho de Marcos: Vol. I: 1-8 – Refazer a Casa**. p. 170-171.

evangelizadora. Hoje poderíamos afirmar que Cristo é o pedagogo por excelência, que se preocupa em instruir minuciosamente os doze.

Portanto, para concluir, seguindo o pensamento do autor Balancin os seguidores de Jesus devem ter as seguintes atitudes: ficar com Jesus, que significa estar unido a ele, comprometer-se com ele e com o seu projeto de vida e liberdade; pregar, isto é anunciar aos outros o Reino de Deus; expulsar demônios e libertar as pessoas da alienação para que possam aderir ao projeto de Deus manifestado na prática de Jesus⁶⁷.

Pronto, os doze instruídos pelo bom Mestre podem agora ser dispersos em missão anunciando a todos a salvação que é o próprio Cristo Senhor

3. MISSÃO DOS DOZE DISCÍPULOS EM MARCOS 6, 7-13

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PERÍCOPE

⁶⁷ Cf. BALANCIN, Martins, Euclides, 1991. *Evangelho de Marcos: Quem é Jesus?* p. 58.

Jesus, desde o início de sua vida pública, chama discípulos de modo pessoal, e dentre os seus seguidores alguns são convidados a acompanhá-lo durante suas viagens, testemunhando de perto os seus feitos. Após este percurso de recrutamento e eleição dos apóstolos segue agora uma nova perícope referente aos apóstolos, o envio dos doze escolhidos, para abrir assim um novo capítulo do Evangelho de Marcos.

Chamou a si os Doze e começou a enviá-los dois a dois. E deu-lhes autoridade sobre os espíritos impuros. Recomendou-lhes que nada levassem para o caminho, a não ser um cajado apenas; nem pão, nem alforje, nem dinheiro no cinto. Mas que andassem calçados com sandálias e não levassem duas túnicas. E dizia-lhes: “Onde quer que entreis numa casa, nela permaneçei até vos retirardes do lugar. E se algum lugar não vos receber nem vos quiser ouvir, ao partirdes de lá, sacudi o pó de debaixo dos vossos pés em testemunho contra eles”. Partindo, eles pregavam que todos se arrependessem. E expulsavam muitos demônios, e curavam muitos enfermos, unguendo-os com óleo. (Mc 6, 7-13)

A partir de agora Jesus inclui os doze na Sua missão, fazendo com que participem do Seu poder, e por isso dá-lhes uma série de orientações muito significativas; aqui Jesus prepara os seus discípulos para um modo de vida radicalmente novo.

Toda a primeira parte do evangelho segundo Marcos (Cf. Mc. 1 14 – 8,30) está montada a volta da ideia de que Jesus é o Messias que proclama o Reino de Deus, essa parte é tida como ponto de partida para o que virá pela frente. Pois, logo em seguida, Jesus apresenta a proposta do reino ao grupo dos discípulos, que escutam e aceitam embarcar na aventura do Reino de Deus (Cf. Mc. 1, 16-20); depois, Marcos descreve como Jesus, com palavras e com gestos concretos, vai propondo essa nova realidade que é o reino da salvação.

À medida que o caminho do reino avança, os discípulos vão aparecendo cada vez mais ligados à Jesus e conseqüentemente mais implicados no projeto do reino. Jesus chama todos os discípulos a estarem do seu lado, porque depois de um período de caminhada juntos, eles escutam os ensinamentos do Mestre e testemunham os seus gestos e sinais, para serem posteriormente as testemunhas e os continuadores da obra de Deus⁶⁸. Formados por Jesus na “Escola do Reino”, os discípulos podem agora ser enviados ao mundo, a fim de anunciarem a todos os homens a chegada desse mundo novo que o Mestre chama de Reino de Deus.

⁶⁸ Cf. BATTAGLIA, Oscar, URICCHIO, Francesco e LANCELLOTTI, Angelo, 1978. **Comentário ao Evangelho de São Marcos**. p. 42.

O fragmento de Marcos 6, 7-13 é o primeiro passo do caminho que conduzirá Jesus e seus discípulos até Cesaréia de Felipe, lugar onde Cristo é revelado, “Tu és o Cristo” (Mc 8, 29). A secção na qual Jesus inicia o chamamento dos discípulos (Mc 1, 16-20) terminará com a condenação de Jesus; as autoridades religiosas e sociais da Galileia procuravam uma forma de O eliminar (Mc 3, 6), os que controlavam o poder, os que viviam à custa da lei, queriam matá-lo. Essa perícopa situa-se depois da rejeição de Jesus em sua própria pátria, por aqueles que diziam serem seus familiares. “O duro enfrentamento e a rejeição da Boa Notícia na terra de Jesus (Mc 6, 1-6) não foram suficientes para intimidá-lo ou paralisá-lo. Pelo contrário, Marcos o mostra plenamente mobilizado, com algumas estratégias novas”⁶⁹.

O texto em análise relata a versão de Marcos do discurso missionário, na qual Jesus chama os doze e envia-os, dois a dois, transmitindo-lhes o Seu poder sobre os espíritos impuros. Eles partem e convidam a conversão, expulsam os demônios e curam os doentes. Comparando com os evangelistas Mateus e Lucas, Marcos é o que mais insiste sobre a missão redentora dos doze⁷⁰. Os doze escolhidos serão o elo entre Jesus e a Igreja. “Marcos nos introduzirá na vida interior e nos conflitos dessa nova comunidade de Jesus, mostrando-nos seu lado humano, sua tragédia e sua determinação na sua luta para compreender e abraçar verdadeiramente a missão com que ela *já* se acha comprometida”. Já que a força dos doze deriva do Senhor, e por esse fato, devem deixar tudo e deslocarem-se de terra em terra com o Mestre proclamando a salvação.

Rejeitado pelos seus, Jesus prega em outras partes e envia os doze discípulos com instruções e poderes especiais. O leitor há de lembrar-se que Marcos preparou cuidadosamente esse momento importante em que Jesus envia os apóstolos. Marcos distingue e destaca três momentos que dizem respeito aos doze: primeiro fez Jesus chamá-los pessoalmente (Mc 1 16-20); segundo escolheu doze especiais para acompanhá-lo (Mc 3, 13-19). Por fim, os Doze, instruídos por Jesus e presentes quando ele curou muitos da doença e do mal (caps. Mc 3-5), estão agora prontos para se tornarem os enviados a missão (Mc 6, 7-13)⁷¹.

Na estrutura de todo o conjunto da obra de São Marcos a perícopa do envio dos doze situa-se na primeira parte do evangelho, logo após a terceira secção, Marcos 3, 7-6, 6a, intitulada Jesus e o povo, especificamente, vem logo após a rejeição de Jesus pelos seus (Mc 6, 1 -6). Em seguida ao trecho dos doze inicia-se a segunda parte denominada de Revelação

⁶⁹ BORTOLINI, José, 2003. **O Evangelho de Marcos: para uma catequese com adultos**. p. 117.

⁷⁰ Mateus prefere chamar-lhes de discípulos, e Lucas de apóstolos.

⁷¹ Cf. BERGANT, Dianne e KARRIS, Robert, 2013. **Comentário Bíblico**. p. 55.

do Filho de Deus⁷². O primeiro trecho dessa segunda parte segue com os versículos que Marcos coloca a narrativa da execução de João Batista. Ched Myers vê da seguinte maneira essa passagem: “Na verdade, porém, Marcos começa a fazer mudança na sua estratégia narrativa, pois, nesta terceira e última costura geradora, inseriu o retrospecto referente a João Batista (Mc 6, 14-29). Veremos que a inserção funciona para criar inter-relacionamento narrativo essencial entre a missão e o destino de Jesus, e de seus discípulos e de João”⁷³.

No corpo de Marcos 6, 7-13 podemos enxergar a seguinte divisão: Mc 6b -7 a moldura introdutória; Mc 6, 8-9 dupla instrução acerca da missão; Mc 6, 10-11 acolhida versos rejeição; e por fim Mc 6, 12-13 moldura conclusiva. O texto certamente foi elaborado a partir de recomendações que procedem de Jesus. Mas, em sua redação, tem caráter etiológico⁷⁴, isto é, vê a origem e o jeito da missão da Igreja já prefigurados na missão de Jesus e dos Doze⁷⁵.

No episódio da vocação dos doze apóstolos, Marcos procede com sua habitual sobriedade sem deixar de lado o pitoresco de uma cena presenciada e vivida por ser o primeiro narrador; assim é que Marcos põe a vocação dos apóstolos em relação com a localização de Cristo no monte a chamar a quantos estavam desejando que se aproximassem d'Ele; e é por Marcos que ficamos sabendo melhor que a escolha dos doze apóstolos foi feita tirando-os desse grupo maior que já chamara para junto de si. É através de Marcos também que ficamos sabendo que os doze teriam uma incumbência de apostolado. Cristo toma as suas primeiras providências para a continuidade, a ser dada à sua obra mediante um grupo específico, escolhido dentre os que já se consideravam discípulos. Estes são destinados a executar as mesmas coisas que Ele vinha fazendo⁷⁶.

Conclui-se que o trecho de Marcos 6, 7-13 está formado por um breve sumário no qual se apresenta Jesus como o grande missionário itinerante e que compartilha de sua tarefa redentora com doze homens, os que serão revestidos de plenos poderes para deste modo ampliar ou prolongar a atividade de Jesus, ou seja, pregar, curar, e expulsar demônios.

3.2 ENVIO DOS DOZE

⁷² A contextualização do fragmento(Mc 6, 7-13) dentro da obra de Marcos segue a divisão adotada no número 1.5 (Visão geral sobre a estrutura do evangelho), deste mesmo trabalho.

⁷³ MYERS, Ched, 1992. **O Evangelho de São Marcos**. p. 262.

⁷⁴ Etiologia quer dizer narração sobre a origem, a causa. (SOARES, Gameleira, Armando, Sebastião e JUNIOR, Luiz, Correia, João, 2002. **Evangelho de Marcos: Vol. I: 1-8 – Refazer a Casa**. p. 245-246)

⁷⁵ Cf. SOARES, Gameleira, Armando, Sebastião e JUNIOR, Luiz, Correia, João, 2002. **Evangelho de Marcos: Vol. I: 1-8 – Refazer a Casa**. p. 245-246

⁷⁶ Cf. BURNIER, Penido, Frei Martinho, 1968. **Perscrutando as Escrituras: São Marcos**. p. 97.

“Chamou a si os Doze e começou a enviá-los” (Mc 6, 7). O relato de Marcos deixa claro que somente Jesus é a fonte inspiradora e modelo de ação evangelizadora para os doze. Jesus não envia os doze de qualquer maneira, mas antes de qualquer coisa, existe todo um processo de preparo para serem colaboradores na eminência do projeto de construção do Reino de Deus. Para colaborar em seu projeto do Reino de Deus e prolongar a sua missão, eles deverão cuidar do seu estilo de vida. Caso contrário, não poderão fazer muitas coisas, e assim, não introduzirão no mundo o espírito de Jesus. Por isso, Marcos irá, nos trechos seguintes dessa perícopa, recordar algumas das recomendações feitas por Cristo⁷⁷.

Até o presente momento os doze sempre andavam ao lado de Jesus, mas a partir de agora, Jesus e os doze se separam em prol da ação missionária. Jesus percorria as aldeias das redondezas ensinando (Mc 6, 6), partindo dessa finalidade fora constituído o grupo dos doze que tornar solidário com o destino e a tarefa de Jesus, portanto, o envio dos doze em missão é um eco e uma ampliação da atividade de Jesus⁷⁸.

Os doze terão exclusivamente o desígnio de dedicarem-se a abrir novos caminhos para o Reino de Deus. E a única maneira de impulsionar essa “nova evangelização”, é purificando e intensificando o vínculo com o Messias. Partindo desse fato, pode-se constatar que a dispersão dos doze não gera abandono por parte de Jesus, mas antes de tudo, Jesus estará do lado dos doze como modelo a ser seguido e atuando também como força revigoradora. Jesus não ilude os seus enviados prometendo-lhes facilidades, pelo contrário, Ele descreve bem como será o caminho percorrido. Portanto, os discípulos estavam cientes de que a missão deles seria árdua daqui para frente.

No Antigo Testamento, Deus sempre escolhia pessoas e as enviava ao Seu povo escolhido a fim de levar Sua mensagem de conversão. Isso acontecia sempre que Seu povo começava a se afastar d'Ele, quando estes se esqueciam da aliança que fizeram com Deus, aliança esta da qual Ele nunca esqueceu. Os profetas do Antigo Testamento não tinham uma vida fácil, encontravam muito sofrimento e muitos deles acabavam sendo martirizados por aqueles infiéis que, mesmo fazendo parte do povo escolhido, acabavam se afastando e não aceitavam estes que vinham denunciar o pecado. Da mesma forma, o Senhor Jesus chama os doze apóstolos e os envia em missão em seu nome, confiando neles seus poderes messiânicos.

⁷⁷ Cf. PAGOLA, Antonio José, 1994. **O Caminho Aberto por Jesus**. p. 129.

⁷⁸ Cf. BARBAGLIO, Giuseppe, FABRIS, Rinaldo e MAGGIONI, Bruno, 1990. **Os Evangelhos (I)**. p. 487.

Não os envia para serem iguais aos falsos profetas do Antigo Testamento, mas que exerçam seu ministério sem qualquer tipo de ambição material e de poderio.

A interpretação bíblica, alude-se à escolha de doze⁷⁹ homens, aos doze filhos de Jacó e das tribos de Israel, “os doze, princípio do novo povo, novos patriarcas das 12 tribos do povo de Deus, e, ao mesmo tempo, personagens representativos de todo esse povo que neles como que está contido, são também encarregados do anúncio da Boa-Nova. O novo povo em torno de Jesus é um povo reunido segundo o ideal igualitário das 12 tribos e é um povo missionário”⁸⁰. Mas transparece certamente aqui o número doze ligado aos apóstolos, que foram as colunas sobre qual se apoiou a cristandade. “A expressão “os Doze” reaparece 11 vezes em Marcos, que é o único a descrever tão solenemente a instituição dos doze apóstolos. *Iéshouaos* constitui, como foram constituídos *Moshè e Aarôn* (Arão) (Ex 13, 33), ou igualmente os sacerdotes (1Rs 12, 31 ; 2 Cr 2,18)”⁸¹.

Os doze são sinais da plenitude israelita, os enviados num sentido religioso e original. São enviados para imitar a missão⁸² do próprio Jesus. O envio indica uma resposta a rejeição dos nazarenos que não o queriam na sua pequena pátria. Os doze são enviados para criar a nova e grande pátria israelita. Há, neste envio, dois aspectos: o primeiro alude, sem dúvida, a um fato histórico; Jesus quis refundar a Israel escatológico; segundo, esse envio torna-se sinal visível da missão universal que Marcos propõe e testemunha depois da Páscoa (cf. Mc 16, 6-7).⁸³ Logo, fica evidente que 12 trata-se de um número simbólico, que lembra as doze tribos que formavam o antigo povo de Deus. Estes doze discípulos representam simbolicamente a totalidade do povo de Deus, isto é, do novo povo de Deus.

⁷⁹ Doze é um número importante sob muitos prismas. Os doze signos do zodíaco dividem o mundo estelar em quatro regiões. Por um número arredondado de 360 dias no ano e 30 dias no mês resulta o número doze, no qual se compenetraram o três divino e os quatro terrenos. Ademais, acresce-lhe ainda a importância como número fundamental do sistema sexagesimal. A epopéia de Gilgamesh está dividida em doze tábuas: o tempo de Marduc em Babilônia tinha doze pórticos. Os egípcios atribuíram ao sol a correspondente a seu curso diário de 12 horas, doze diversas formas de aparecimento; o mundo subterrâneo foi dividido em doze regiões. Em várias religiões antigas eram doze o número dos deuses. A Lei das Doze tábuas constituía a base do Direito romano. O número acabado do povo de Deus mostra-se claramente nos doze filhos de Jacó (Gn 35, 22-26), de que precedem as doze tribos de Israel. Na peregrinação pelo deserto, o povo encontrou em Elim doze fontes de água (Nm 33,9). No local do seu primeiro acampamento em Canaã, depois de atravessar com êxito o Jordão, os israelitas, obedecendo as ordens de Deus, erigiram doze pedras comemorativas, uma para cada tribo. O sacerdócio era dividido em duas vezes doze grupos (1 Cr 24). Doze é o nome dos assim chamados “Profetas menores”. (LURKER, Manfred, 1993. **Dicionário de Figuras e Símbolos Bíblicos**. p. 82-83.

⁸⁰ . SOARES, Gameleira, Armando, Sebastião e JUNIOR, Luiz, Correia, João, 2002. **Evangelho de Marcos: Vol. I: 1-8 – Refazer a Casa**. p. 246.

⁸¹ CHOURAQUI, André, 1996. **A Bíblia: Marcos (O Evangelho Segundo Marcos)**. p. 73

⁸² Missão do latim *missio*, envio; de *mittere*, enviar. É tanto a função de quem é encarregada uma pessoa ou um grupo, como o próprio envio, isto é, o acto de quem envia. (BROSSE, Olivier de La, HENRY, Antonin-Marie e ROUILLARD, Philippe, 1989. **Dicionário de Termos da Fé**. p. 489.

⁸³ Cf. PIKAZA, Xabier. **Para viver o Evangelho: Leitura de Marcos**. p. 103.

Os doze têm fundamentalmente duas notas características: ser um grupo cristológico ao serviço do reino, e o de ter como tarefa principal conhecer a Jesus. É um grupo cristológico ao serviço do reino, porque procedem da iniciativa gratuita de Jesus que os chama e envia; por isso, a sua existência tem alcance cristológico e revela as pretensões de Cristo. O conhecimento de Jesus é a segunda nota característica, muito importante para Marcos: todos eles, em sua qualidade de discípulos, hão de aprender do Mestre ao qual seguem⁸⁴.

Os doze foram chamados e aceitaram livremente a seguir o Bom-Mestre, por isso são sinal cristológico especial, revelando pretensões do Messias, que congrega o Israel escatológico. Estes devem ser testemunhas oculares, já que foram chamados em primeiro lugar, para estar com ele, mas também são testemunhas especiais para serem enviados de uma forma singular e profética, realizando a missão de combater as forças de Satanás. Os doze são revestidos com o mesmo espírito que Cristo é revestido⁸⁵.

Marcos diferencia entre o grupo dos doze e dos discípulos, porque assim o tem recebido da tradição de Jesus; pois bem, esta distinção não significa para ele separação substancial entre ambos os grupos. Por não ter divisão entre os grupos, Ele dirige-se aos doze com frequência com o nome de discípulos. O importante é que todos os discípulos, com os doze à frente, hão de compreender e assumir o caminho da morte e ressurreição de Jesus, hão de ver o Ressuscitado na Galiléia, convertendo-se em verdadeiras testemunhas de fé, e hão de ir com ânimo a missão, apesar das dificuldades, incredulidade e perseguição⁸⁶.

Conclui-se que os escolhidos entre os discípulos após as primeiras controvérsias com escribas e fariseus (3,13-19), recebem a autoridade de Jesus e com Ele partilham o poder para continuarem sua missão no mundo: derrotar o demônio e proclamar o reino. É um grupo colocado à frente dos discípulos; por isso, muitas vezes Marcos usa o termo “discípulos” para referir-se somente aos doze. Eles levam consigo o poder de Deus e estão confiados à proteção divina para pregar e curar. Estes enviados são servos e com o sinal de suas vidas, colocam-se nas mãos dos homens e mulheres do lugar, numa atitude de adesão radical ao projeto divino. Os doze convertem-se, assim, em sinal de uma missão posterior, pós-pascal, uma expressão viva de fé que desemboca na missão de oferecer o evangelho a todos os povos, ao mundo inteiro.

⁸⁴ Cf. MONASTERIO, A. Rafael e CARMONA, R. Antonio, 1994. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. p. 143.

⁸⁵ Cf. Ibid., p. 144.

⁸⁶ Cf. Ibid., p. 145.

3.3 ENVIOU DOIS A DOIS

Jesus estabelece normas para o agir dos doze apóstolos⁸⁷ e, ainda, orienta que devem ter sempre como fundamental, o trabalhando para o Reino de Deus, e não por seu próprio reino, nem mesmo pelo reino de Israel, mas sim o de Deus. Por isso, após Jesus sentir na pele a falta de fé manifestada em sua própria pátria, envia os doze, dois a dois, para levarem a mensagem a todos da Galiléia. “Jesus chamou os Doze e começou a enviá-los dois a dois” (Cf. Mc 6, 7). Os doze escolhidos e enviados a pregar de dois a dois, são representantes do Pai e deverão chamar à conversão Israel e indicar-lhe a salvação escatológica que vem de Deus.

Marcos nos apresenta em seu relato o envio de dois a dois; esse detalhe muito importante não deve passar despercebido, seja pelo seu caráter tradicional-espiritual ou prático. São enviados dois a dois, em equipe missionária, conforme o costume judaico que foi praticado também na primeira Igreja. Também é possível encontrar relatos sobre a pedagogia de nunca estarem sozinhos nos evangelhos de Lucas (Cf. Lc 7, 18) e João (Jo 1, 37). Paulo nos relata logo no início do livro dos Atos dos Apóstolos (Cf. At 1, 2) a missão de Barnabé e Saulo, estes devem se separar e irem para a obra que Deus destinou. Verdadeiramente a tradição de estarem sempre em missão, acompanhado⁸⁸ propaga-se para as primeiras comunidades⁸⁹.

“Enviar discípulos aos pares é costume corriqueiro no judaísmo. Facilita-lhes o encargo, e não é só: tornam-se ainda em testemunhas a transmitir a mensagem de Deus de comum acordo. Em caso de rejeição tornam-se, no júízo divino, em testemunhas contra todos os que se fecham ao evangelho”⁹⁰. Também no costume judaico em razão de conveniência e segurança, os itinerantes viajavam frequentemente em dupla, pois, assim, teriam ajuda e apoio em caso de necessidade. Outra questão que se coloca é em relação ao costume judaico que exigia, conforme a lei judaica, duas testemunhas para dar credibilidade a qualquer anúncio. “Uma única testemunha não é suficiente contra alguém” (Dt 19, 15). O evangelista Mateus atesta esse costume-jurídico; “Se não te ouvir, porém, toma contigo mais uma ou duas

⁸⁷ A palavra grega para “apóstolo” significa “enviado”. (BERGANT, Dianne e KARRIS, Robert, 2013. **Comentário Bíblico**. p. 55.)

⁸⁸ Outras passagens de Atos dos Apóstolos atestam essa tese. (Cf. At 15,39; 15,40)

⁸⁹ Cf. BARBAGLIO, Giuseppe, FABRIS, Rinaldo e MAGGIONI, Bruno, 1990. **Os Evangelhos (I)**. p. 487.

⁹⁰ SCHNACKENBURG, Rudolf, 1983. **O Evangelho Segundo Marcos**. p. 157.

peçoas, para que toda questão seja decidida pela palavra de duas ou três testemunhas” (Mt 18, 16).

O envio de dois a dois, nos fala da importância da missão realizada em comunidade, ir em dupla representa uma “comuna”, que além de fortalecer a credibilidade do testemunho, contribui para o encorajamento, ou seja, um, está sempre animando o outro. Nota-se, então, uma dimensão comunitária da missão, na qual os discípulos nunca deveriam trabalhar sozinhos, devem anunciar a fé em plena sintonia com a fé da comunidade. Dois a dois indica que a missão é um serviço comum o qual estabelece como princípio, a ajuda mútua nas atividades. Esse serviço nunca pode ser entendido como uma promoção pessoal, mas sim como dom recebido de Jesus ao serviço dos irmãos. “Ir dois a dois implica a afirmação da igualdade e exclui a subordinação de um ao outro; e, também, testemunho de ajuda e solidariedade mútuas⁹¹”.

Marcos não registra minuciosamente onde os discípulos devem ir e o que devem fazer e dizer. Mateus, ao contrário, registra o envio e as atividades: “Jesus enviou esses Doze com essas recomendações: Não tomeis o caminho dos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos. Dirigi-vos, antes, às ovelhas perdidas da casa de Israel. Dirigindo-vos a elas, proclamais que o Reino dos Céus está próximo [...]” (Mt 10, 5-7). As instruções de Jesus em Marcos se restringem sobre os requisitos essenciais do envio.

Dois a dois torna-se um desafio constante, tanto pelas diferenças que distinguem os discípulos, como pelo o que eles têm em comum, a mesma missão. Mas, daí parte a verdadeira vocação que é sempre uma realidade comunitária que coloca homens e mulheres a serviço da grande comunidade do reino.

3.4 AUTORIDADE CONCEDIDA AOS DOZE

A partir de agora, os doze passam a exercer as funções para que os escolhera o Mestre. Foi suficiente a duração do convívio com Jesus, para terem agora parte nos seus encargos e poderes. No convívio com Jesus os apóstolos receberam indicações para a missão, entretanto, “não há indicações de que as ordens (*parengeilenautois*) sejam únicas para essa missão, elas

⁹¹ MATEOS, Juan e CAMACHO, Fernando, 1998. **Marcos: textos e comentários**. p. 154.

são válidas para o caminho (*eis hodon*), isto é, paradigmáticas do estilo de vida do discipulado”⁹².

De acordo com Marcos, Jesus confia aos enviados a autoridade sobre os espíritos impuros (cf. Mc 6, 7), indicando que a missão dos discípulos é uma prática libertadora e não simplesmente teorias bonitas sobre religião, sobre Deus, que amarram as pessoas dentro de uma instituição⁹³. Todavia, Jesus não concede aos discípulos poder sobre as pessoas que irão encontrando pelo caminho, mas Ele lhes dá autoridade para libertá-las do mal. Os apóstolos recebem de Cristo autoridade assim como Eliseu recebeu da parte de Elias (cf. 2 Rs 2, 9-15) para atuar à maneira de Elias.

Como sempre Jesus esta pensando num mundo mais sadio e livre das amarras das forças malignas que escravizam e desumanizam o ser humano. Por isso, Jesus compartilha sua autoridade recebida de Deus com os enviados, para que a exemplo de Jesus os discípulos introduzam entre as pessoas a força amorosa do Pai Celestial. Em razão disso, a autoridade partilhada de Jesus com os doze é, antes de tudo, força curadora que humaniza a vida e que alivia os sofrimentos e faz crescer entre as pessoas a liberdade e a fraternidade. Isto posto, eles abrirão novos caminhos na sociedade, sem utilizar o poder dominador, mas, o poder humanizador que gera a vida⁹⁴.

Conseqüentemente, a autoridade concedida aos discípulos é o ofício de peregrino que caminha com Jesus, que acredita e atua junto com o Filho de Deus na instauração do Reino. Autoridade para lutar contra o mal, para ser luz entre a escuridão, e não para sobrepor sobre os outros como os doutores da verdade.

3.5 INSTRUÇÃO PARA A MISSÃO

Nos últimos versículos da perícopa (Mc 6, 7-13) Marcos descreve algumas recomendações necessárias para a missão dos doze. Tudo indica que Marcos, no seu discurso de envio da missão dos discípulos, usa de bastante liberdade ao relatar as palavras de Jesus.

⁹²MYERS, Ched, 1992. **O Evangelho de São Marcos**. p. 262.

⁹³ Cf. BALANCIN, Martins, Euclides, 1991. **Evangelho de Marcos: Quem é Jesus?** p. 84

⁹⁴ Cf. PAGOLA, Antonio José, 1994. **O Caminho Aberto por Jesus**. p. 129 -130.

Recomendou-lhes que nada levassem para o caminho, a não ser um cajado apenas; nem pão, nem alforje, nem dinheiro no cinto. Mas que andassem calçados com sandálias e não levassem duas túnicas. E dizia-lhes: Onde quer que entreis numa casa, nela permaneçei até vos retirardes do lugar. E se algum lugar não vos receber nem vos quiser ouvir, ao partirdes de lá, sacudi o pó de debaixo dos vossos pés em testemunho contra eles. (Mc 6, 8-12)

Os discípulos recebem minuciosas instruções de Jesus sobre o modo como devem comportar-se. Essas orientações visam primeiramente que os doze tenham um bom êxito na missão Redentora. Na perspectiva deixada por Marcos, Jesus deseja ardentemente que os seus enviados partam para a missão num despojamento total, com apenas o necessário para caminhar de região a região levando o Evangelho.

As recomendações acerca da viagem são expressão típica do modo de ser dos missionários ambulantes, como existiam no tempo de Jesus e de que nos dá testemunho ainda a *Doutrina dos Apóstolos (Didaqué)*. Manifestam um modo de vida baseado na pobreza radical, na total entrega à tarefa missionária e na confiança sem limites em Deus, fonte última do envio. Os sábios e filósofos cínicos, por exemplo, podiam carregar consigo mochila para recolher esmolas e guardar suas provisões (pão, figo, água). A condição missionária é mais radical. Pode-se ver alusão a isso em 1 Ts 2, 1-12 e em 1 Cor 2, 1-5⁹⁵.

Jesus ao instruir os seus discípulos não deseja estabelecer normas invioláveis para a conduta de cada enviado, mas sim orientações para garantir o bom andamento da missão. As instruções que Jesus se detém não são requisitos de adesão do enviado, mas o enviado deve ser antes de tudo um homem livre e totalmente disponível para participar da missão Trinitária. As orientações dadas então por Jesus aos doze conservam seu sentido e seu valor não só para esse grupo, mas para todos os futuros missionários da fé.

A primeira instrução se refere à vida sóbria, um despojamento com as coisas materiais, pois essas impedem o bom êxito da missão. Por isso, Jesus recomenda que os doze “levassem para o caminho, a não ser um cajado apenas; nem pão, nem alforje, nem dinheiro no cinto. Mas que andassem calçados com sandálias e não levassem duas túnicas” (Mc 6, 8-9) . Jesus pede aos seus novos missionários que tenham uma vida simples, uma vida de despojamento

⁹⁵SOARES, Gameleira, Armando, Sebastião e JUNIOR, Luiz, Correia, João, 2002. **Evangelho de Marcos: Vol. I: 1-8 – Refazer a Casa**. p. 246.

das coisas mundanas. Jesus insiste na pobreza⁹⁶ dos doze, pois somente assim poderão ser testemunhas do essencial que é Deus. O estilo de vida que Jesus propõe aos doze sem dúvida é desafiante e provocativo, porém, será somente pregando com a vida que se construirá o reino de Deus.

Marcos insiste numa disposição necessária aos doze, que eles sejam homens ligeiros, nada levar em sua caminhada, a não ser o necessário, porque a viagem poderá ser longa. E para seguir a Jesus, há uma exigência de presteza, de desprendimento, que se torna condição necessária para aquele que deseja aderir ao projeto messiânico. Isso tudo porque esse desprendimento é a consequência lógica da decisão de seguir a Jesus, de consagrar-se ao Evangelho e de dar sua vida por ele. Eis, pois, o que nos transmite o evangelista Marcos: devemos ser “leves” e “sempre prontos” para a caminhada e esperar assim as condições difíceis no desempenho da missão⁹⁷.

Para dar continuidade à missão de Jesus, os discípulos precisam experimentar além da pobreza total, o esvaziar-se de si mesmo para ir ao encontro do outro, confiando assim exclusivamente na providência divina. Ser enviado dois a dois e a exigência de não levar nada pelo caminho, a não ser um cajado⁹⁸; nem pão, nem sacola e nem dinheiro, significa estar totalmente livre para o serviço. Os doze devem ser totalmente desprendidos dos bens materiais, caso contrário, a preocupação com estes podem roubar-lhes a liberdade e a responsabilidade. Por outro lado, essa atitude de pobreza e de despojamento ajudará também os discípulos a perceberem que a eficácia da missão não depende da abundância dos bens materiais, mas sim da ação de Deus.

É possível entender essas instruções como um modo de inserção no mesmo contexto sócio cultural das pessoas que os doze irão encontrando pelo caminho. O portar-se deve ser simples, como aquele que serve e se coloca sempre disponível, pois assim não cria um rótulo,

⁹⁶ Pobreza vem do latim *pauper*, pobre, de *paucus*, poucos; e de *pario*, gerar, produzir: o que produz pouco. Estado daquele que possui pouco e é capaz de produzir pouco. Na tradição bíblica, relaciona-se pobreza com injustiça. O contrário da pobreza não é a riqueza, mas a violência. A Bíblia é, fundamentalmente, a memória histórica dos pobres, que recorda Deus como aquele que escuta o clamor do povo e desceu para libertá-lo. No Novo Testamento, Jesus aprofunda esta mesma linha de pensamento. O projeto histórico de Jesus, o Reino de Deus, inaugura-se na restauração do povo de Israel, em que os pobres recebem a boa notícia da libertação dos cativos, da cura dos cegos e da liberdade aos oprimidos. Pobreza que significa solidariedade, a exemplo das primeiras comunidades cristãs de Jerusalém que tinham tudo em comum; cada qual dava quanto podia, recebia de acordo com a sua necessidade e não havia necessitados entre eles. (Cf. SAMANES, Floristán, Cassiano e ACOSTA, Tamayo, José, Juan, 1999. **Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo**. p. 619. e Cf. ROUILLARD, Philippe, 1989. **Dicionário de Termos da Fé**. p. 599.

⁹⁷ Cf. DELORME, J, 1985. **Leitura do Evangelho Segundo Marcos**. p. 64.

⁹⁸ O cajado é o companheiro inseparável dos grandes andarilhos (Gn 32, 10; Ex 12,11). A permissão para levarem cajado na missão é encontrada apenas em Marcos, Mateus e Lucas os discípulos não deviam levar cajado. Cf. Mt 10,10; Lc 9,3). Assim, como o cajado as sandálias eram imprescindíveis para os viajantes nas viagens longas.

ou uma definição de um “status” social. Dado isso, o único peso que os doze devem ter é a responsabilidade de serem missionários de Jesus; e para isso, devem estar desembaraçados de interesses puramente humanos, para não se enfraquecerem durante a ação missionária.

Todas as recomendações de Jesus são em vista de libertar os seus discípulos para que assim eles pregassem a libertação a todos. A credibilidade do discípulo advém de seu testemunho: a confiança deve ser depositada no poder de Deus que age na história através da ação que produz liberdade e vida. Até o vestir deve ser simples, não são roupas diferentes ou paletó e gravata que testemunham a presença externa dos discípulos de Jesus⁹⁹.

Jesus os envia, pois, para que, com seu modo de proceder, dêem um testemunho de igualdade entre os homens; ao mesmo tempo, a carência de provisões e de dinheiro deve mostrar a todos que eles esperam solidariedade humana e que confiam nas pessoas. Finalmente, a sobriedade e o desapego são sinais de que os discípulos confiam em Deus e contribuem para dar credibilidade ao testemunho.

Marcos adverte sobre as eventuais rejeições que os doze podem sofrer pelo caminho. “Onde quer que entreis numa casa, nela permaneçei até vós retirardes do lugar. E se algum lugar não vos receber nem vos quiser ouvir, ao partirdes de lá, sacudi o pó de debaixo dos vossos pés em testemunho contra eles” (Mc 6, 10-11). Jesus quer homens comprometidos com a realidade e orantes no anúncio da Boa Nova do Reino de Deus entre os homens. A adesão ao grupo de Jesus implica, muitas vezes, na rejeição, como aconteceu com o próprio Jesus; por isso, Jesus já alerta os seus enviados dos riscos de serem rejeitados. Isso indica que o missionário não terá plena instabilidade, mas estarão expostos às inúmeras intemperanças da sociedade.

É evidente que a hospitalidade e a convivência fraterna se tornam elementos propícios para propagar uma ação evangelizadora, mas na dinâmica do reino nem sempre os discípulos irão encontrar esses requisitos. Jesus vivenciou na pele a rejeição, sua vida não foi sempre um mar de rosa. De fato, o discípulo que continua a sua prática também é advertido para não ser ingênuo e pensar que tudo correrá em total harmonia e paz, mas irá encontrar oposições daqueles que não querem transformações na sociedade e no modo de viver¹⁰⁰.

“O gesto de sacudir a poeira das sandálias é cultural, e significa a ruptura total com quem rejeitou a Boa Notícia na pessoa dos discípulos. Daí esse aspecto é interessante do ponto de vista que os doze têm consciência de terem feito tudo o que deviam fazer, e não

⁹⁹ Cf. BALANCIN, Martins, Euclides, 1991. **Evangelho de Marcos: Quem é Jesus?** p. 84-85.

¹⁰⁰ Cf. Ibid., p. 85.

podem ser responsabilizados pelo que acontecer a quem rejeitou a Boa Notícia”¹⁰¹. Sacudir a poeira dos pés pode ser interpretada como testemunho contra aqueles que rejeitaram a mensagem dos arautos de Jesus ou um gesto que testemunha o julgamento de Deus sobre aqueles que não aceitaram o projeto do Pai trazido por Jesus e seus discípulos. “Sacudir a poeira era um gesto simbólico, praticado pelos israelitas quando voltavam à Terra Santa procedentes de um território pagão e inteligível (At 13, 51). Neste caso, vendo-se equiparados aos pagãos, teriam refletido sobre a mensagem apostólica e talvez aceitassem o seu testemunho”¹⁰².

Ched Myers ainda, acrescenta:

O ponto central da hospitalidade é a casa da família (6,10: *eis oikian*), cuja importância socioliterária como local narrativo [...]. Os apóstolos recebem a recomendação de permanecer ali até deixarem tal distrito, talvez indicando estratégia pela qual o missionário estabelece base local para o ministério. Jesus, entretanto, também conta com a inevitável perspectiva de que certos lugares haverão de recusar-se a receber ou ouvir os apóstolos. O gesto simbólico de sacudir a poeira dos pés tem a conotação de testemunho contra tais lugares, a frase técnica de Marcos para descrever os que o movimento encara como adversários. A vocação para a hospitalidade é considerada como terrível perspicácia de Marcos; os familiares que se recusam a oferecê-la são de então em diante evitados¹⁰³.

A mensagem de conversão que os discípulos levam pelo caminho é para todos os homens, mas quem recusar a receber os mensageiros de Deus, excluir-se-á da salvação e incorrerá no juízo divino e será arguido pelas testemunhas de Deus. A recusa denota uma posição xenófoba: quem vem de fora nada tem para trazer-nos. Expressa-se de duas maneiras: a falta de solidariedade (não os receber) e o fechamento completo ao diálogo ou à comunicação humana (nem os escutar). Rejeitar os enviados de Jesus é a mesma coisa que levantarem uma barreira que impede a aproximação entre as pessoas, isso é nada mais que negar a graça de Deus¹⁰⁴.

¹⁰¹BORTOLINI, José. **O Evangelho de Marcos: para uma catequese com adultos**. p. 120.

¹⁰²LANCELLOTTI, Battaglia. **Comentário ao Evangelho de São Marcos**. p. 64.

¹⁰³MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**. p. 263.

¹⁰⁴Cf. MATEOS, Juan e CAMACHO, Fernando. **Marcos: textos e comentários**. p. 157.

3.6 A MISSÃO

Finalmente, após recebidas as instruções, Marcos descreve a realização da missão dos escolhidos. Marcos encerra esse episódio mostrando os doze fazendo exatamente o que Jesus fez: anúncio da conversão, expulsão de muitos demônios e cura de doentes, isto é, atualizando os mesmos gestos de libertação, sinal da vitória de Deus sobre o mal¹⁰⁵. Os doze põem-se em missão com a responsabilidade de anunciar o Reino de Deus e proclamarem a grande mudança ou conversão que Deus, pela sua graça, realiza no meio dos homens. “Partindo, eles pregavam que todos se arrependessem” (Mc 6, 12). Não somos nós que nos mudamos, mas é o Reino de Deus que nos transforma. A mudança radical de mentalidade, de valores, de atitudes, de adesão a Jesus Cristo e de seu projeto vem unicamente de Deus, a nós cabe apenas aceitarmos.

Marcos não relata na perícopé a indicação de onde vão nem quanto tempo dura a viagem; apenas salienta a necessidade de pregar a mensagem da Boa Nova e o arrependimento (conversão). Os doze irão continuar daqui para frente a missão de Jesus, de libertar o homem de tudo aquilo que o oprime e lhe rouba a vida, para assim fazer um mundo de homens livres e salvos. “Uma única frase descreve como procediam os missionários de Jesus ao executarem a sua missão: Eles anunciavam o mesmo que Jesus: a proximidade do Reino de Deus. Textualmente cita-se apenas a exortação à conversão, por ser esta o elemento decisivo para participar do reino de Deus (Mc 1, 15)”¹⁰⁶.

Pregar para que as pessoas se convertam é pedir mudança radical da orientação de vida. Por esse fato, a proclamação do Evangelho necessariamente vai provocar um discernimento (receber e ouvir) em meio as pessoas e aos grupos: haverá os que vão acolher a Palavra e os que “nem recebem e nem querem ouvir” (Cf. Mc, 6, 10-11)¹⁰⁷. A conversão proposta não é puramente um moralismo segundo a lei da pureza que os fariseus exigiam, mas atitude de aceitar e participar do projeto de amor, liberdade e vida (salvação) para todos.

Os discípulos realizam sinais, “expulsavam muitos demônios¹⁰⁸, e curavam muitos enfermos, unguindo-os com óleo” (Mc 6, 13). Isto é, curavam e capacitavam para viverem em

¹⁰⁵ Cf. BORTOLINI, José, 2003. **O Evangelho de Marcos: para uma catequese com adultos**. p. 120.

¹⁰⁶ SCHNACKENBURG, Rudolf, 1983. **O Evangelho Segundo Marcos**. p. 160.

¹⁰⁷ Cf. SOARES, Gameleira, Armando, Sebastião e JUNIOR, Luiz, Correia, João, 2002. **Evangelho de Marcos: Vol. I: 1-8 – Refazer a Casa**. p. 249.

¹⁰⁸ A demonologia do Novo Testamento deriva tanto da demonologia veterotestamentária como da do judaísmo. Entretanto, a presença de demônios no Novo Testamento é muito mais rara do que na literatura do judaísmo, à exceção dos casos de possessão demoníaca. No Novo Testamento os demônios são freqüentemente chamados de

plenitude o dom do amor do reino, este é o poder dos discípulos. Expulsar os demônios é tornar as pessoas livres de toda e qualquer forma de escravidão que sufoca a vida, conseqüentemente curar os doentes de toda espécie de degradação gerada pela escravidão, como a fome e a miséria, os sofrimentos e as próprias doenças.

Expulsar os demônios e as curas estão em paralelo com as efetuadas por Jesus em Cafarnaum, isto é, antes de expor o programa universalista e romper com a instituição judaica (cf. Mc 2, 1-3, 7ª). Os doze, ao expulsarem os demônios libertam da adesão fanática ao sistema judaico e ao de ungir com óleo suscitam no povo abatido a esperança de um messias davídico restaurador da glória da nação¹⁰⁹. O uso do óleo na cura dos enfermos, especialmente dos feridos, já era praticado em tempos remotos, (Is 1,6) e também era muito comum na época de Jesus. Todavia, sua eficácia se deve aos poderes comunicados pelo Mestre aos doze. O anúncio do evangelho dá esperança de vida aos doentes, capacitando-os para mudarem tanto no plano corporal e espiritual¹¹⁰.

Expulsam os demônios e curam os doentes. Há somente uma precisão suplementar: a unção com óleo. É provável que não se trate aqui de uma simples recordação de ordem histórica (“sim, os discípulos curavam fazendo unções com óleo”), mas, antes de uma explicitação de concordância com os usos das Igrejas nas quais se praticavam semelhantes unções para curar os doentes (cf. Tg 5,14). Essa prática não é destituída de interesse: ela mostra que se tinha conservado o sentimento de que o Evangelho, pregado em nome de Cristo, era atestado por sinais. Não existia uma pregação dirigida só ao espírito, à inteligência, ao lado da qual os sinais fossem algo diferente baixado no terreno das doenças, isto é, no terreno de todos esses inconvenientes que acompanham a vida humana. Não! Eles eram sinais de libertação dados nesse terreno. O evangelho não se dirige só às inteligências, só às almas. Em Marcos, a missão se caracteriza por essas duas ações: pregar e expulsar os demônios ou curar os doentes¹¹¹.

Os feitos dos doze são sinais do que estava a vir, em outras palavras, o tempo de salvação. Pretende, agora, que todo Israel esteja livre das garras dos demônios. Mas, a condição que não pode esquecer é que o Evangelho é uma força, um poder de ação contra o reino do mal. O projeto proposto por Jesus deve entender-se, por fim, como processo de cura

espíritos, especialmente com o acréscimo dos adjetivos impuros. Também existe passagens que chamam os demônios de anjos de Satanás, forças do mal, dominadores das trevas. (Cf. MCKENZIE, John. **Dicionário Bíblico**. p. 225-227.)

¹⁰⁹ Cf. MATEOS, Juan e CAMACHO, Fernando, 1994. **Marcos: textos e comentários**. p. 157.

¹¹⁰ Cf. BATTAGLIA, Oscar, URICCHIO, Francesco e LANCELOTTI, Angelo, 1978. **Comentário ao Evangelho de São Marcos**. p. 64.

¹¹¹ DELORME, J, 1985. **Leitura do Evangelho Segundo Marcos**. p. 65.

e libertação, no qual presos no mal e nas enfermidades possam se converter nos primeiros para a edificação do reino, ou seja, na nova comunidade messiânica.

Contudo, fica explícito que expulsar demônios no evangelho de Marcos significa desalienar as pessoas, isto é, livrá-las de todas as amarras que as tornam escravas e objetos de exploração. Em outras palavras, tudo aquilo que impede as pessoas de serem livres e não poderem pensar, sentir, andar, falar, ouvir, ver, agir por si mesmas. Portanto, tudo aquilo que afasta os seres humanos do amor fecundo de Deus. Cristo deseja a restauração da vida humana por completo e somente será possível pelo anúncio do evangelho. A fundação do reino de Deus vem ao encontro da restauração da vida de qualquer tipo de degradação: fome, doença, sofrimentos¹¹².

Conclui-se, portanto, que as últimas frases de Marcos nessa passagem estudada são conseqüentemente em vista à missão da Igreja primitiva. Marcos deixa claro que o evangelho é fonte de encorajamento aos missionários novos, portanto, a palavra da salvação de Deus é atuante e eficaz na vida daqueles que creem. Longe de querer ser simplesmente uma doutrina nova a respeito da vida de missão, a perícopé analisada evidencia o convite à mudança profunda e integral de vida.

¹¹² Cf. BALANCIN, Martins, Euclides, 1991. **Evangelho de Marcos: Quem é Jesus?** p. 86-87.

CONCLUSÃO

Parece estranho afirmar que Deus está em missão, mas é isso que está explícito na palavra de Deus, sobretudo nos evangelhos. Antes de qualquer coisa há que acreditar que Deus está em missão e entender que a missão faz parte da atividade da própria essência da Trindade. A sagrada escritura aponta para um Deus que sempre está em missão. Após ter criado terra e céu, passando o pecado original e toda a história do povo de Israel, Deus envia o seu filho. O Criador por amor envia seu Filho amado para instaurar o Reino de Deus e consequentemente morrer por todos como prova de seu amor pela humanidade.

O motivo primordial da missão é e sempre será o mandato missionário que Jesus Cristo deu aos apóstolos e aos discípulos. É um ato de obediência fundamental que a Igreja deve prestar, até o fim da história, à vontade de seu autor. Por isso a Igreja procurou sempre tomar consciência de sua natureza evangelizadora. A Igreja é vista essencialmente como missionária por sua natureza¹¹³ O Concílio Vaticano II expressa radicalmente o caráter missionário da Igreja no documento *Ad Gentes*: “A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na missão do Filho e do Espírito Santo”.¹¹⁴

A Igreja não é a protagonista na missão, mas sim um meio pelo qual homens e mulheres congregam em uma mesma fé e, deste modo, participa e continua da missão Redentora da qual Cristo é a fonte primordial. Ser missionária não é para a Igreja uma prerrogativa, um privilégio nem uma simples nota característica, mas é a sua própria razão de ser. Ela existe para a missão e foi fundada para isso. O Senhor, com todo o poder que adquiriu no céu e na terra, antes de subir ao Céu fundou a Sua Igreja como sacramento de salvação. Como Ele mesmo fora enviado pelo Pai enviou os apóstolos a todo o mundo para continuar a missão¹¹⁵.

Contudo, todo cristão é convocado a abraçar a causa do reino e se tornar um arauto do Senhor. A todo instante, somos chamados a sermos missionários do Senhor, anunciando a Boa Nova do Reino. Ninguém fica fora deste convite, todos são chamados, pois Jesus não faz acepção de pessoas. O importante é ter um coração aberto para acolher a graça de Deus e está disponível para servir, assim será possível pregar a Cristo, pregar a conversão e a salvação. O caminho do missionário começa pelo discipulado, ou seja, antes de se tornar missionário, ele

¹¹³ Cf. BOSCH, David, 2002. **Missão Transformadora: mudanças de paradigma na Teologia da missão**. p. 442-446

¹¹⁴ AG 2.

¹¹⁵ Cf. AG 5

se faz discípulo de Jesus, torna-se íntimo Dele, permanece ao lado Dele, conhece os seus ensinamentos.

A evangelização exprime a identidade, a vocação própria da Igreja, sua missão essencial, mediante o qual evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, sua mais profunda identidade. A missão da Igreja é universal, pois assim foi a mensagem de Jesus, uma mensagem universal que revela a todos o rosto do Pai. Jesus revela o projeto do Pai que veio trazer a salvação a todos. E esta salvação deve ser levada, anunciada a todos, até os confins do mundo, para que todos sejam a expressão viva do Pai.

Portanto, fica claro que o projeto missionário de Deus em Marcos 6, 7-13 é fundamento da teologia da missão e assim, a razão da Igreja Católica Apostólica Romana ser por essência missionária. Por isso, todos os filhos de Deus a exemplo dos Apóstolos têm o mandato de continuar a missão de Jesus na Igreja. Da mesma forma que no relatado de Marcos a respeito do chamado dos discípulos, do tempo de preparação, das instruções, do envio e da vida em missão todos cristãos hoje devem se colocar como discípulo e tomar tais palavras do evangelista para si. O mandato que analisamos em Marcos, portanto, é universal é a vontade de Jesus conforme o desígnio do Pai, de que a missão é para todos, dirigida a todos para a salvação de todos. Nisso, conclui que o mandato aos doze não se restringe exclusivamente para esse pequeno grupo, mas para toda a Igreja.

O tema da missão é de grande relevância na vida de fé da Igreja, sobretudo, pelo fato de sermos pelo batismo participante e responsável pela continuidade da missão confiada por Jesus aos seus apóstolos. E sem sombra de dúvida, o evangelista Marcos no seu relato nos transmite o valor primordial da missão de Cristo do qual todos filhos do Pai são participantes. Sem qualquer objeção, pela profissão de fé todo cristão tem o dever de continuar e propagar a fé recebida pelos apóstolos. Missão é confiança, é coerência, é testemunho, é vida que gera vida. Missão não é só poesia, não é ilusão, não é fantasia, não é sonho, mas é realidade existencial de entrega radical e incondicional ao amor de Deus.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2000.

ARNS, Cardeal. **O Evangelho de Marcos na Vida do Povo**. São Paulo: Paulinas, 1987.

AUNEAU, J., BOVON, F., CHARPENTIER, E., GOURGUES, M., RADERMAKERS, J. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. Tradução: M. Cecília de M. Duprat. São Paulo: Paulinas, 1985.

BALANCIN, Euclides Martins. **Como Ler O Evangelho de Marcos: Que é Jesus?**. São Paulo: Paulus, 1991.

BARBAGLIO, Giuseppe, FABRIS, Rinaldo, MAGGIONI, Bruno. **Os Evangelhos**. Tradução: Jaldemir Vitorio. São Paulo: Loyola, 1990.

BARAUSSE, Tadeu, Paulo. **O Discipulado e o Seguimento de Cristo Ressuscitado: Novidade Eclesiológica de uma Autêntica Vivência Missionária Cristã e Eclesial**. São Paulo: Loyola, 2013.

BATTAGLIA, Oscar, URICCHIO, Francesco, LANCELLOTTI, Angelo. **Comentário ao Evangelho de São Marcos**. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1989.

BERGANT, CSA., Dianne e KARRIS, OFM, Robert. **Comentário Bíblico**. Tradução de Barbara Theoto Lambert. Volume III. São Paulo: Loyola, 2013.

BORTOLINI, José. **O Evangelho de Marcos: Para uma catequese com adultos**. São Paulo: Paulus, 2003.

BOSCH, J. David. **Missão Transformadora: mudanças de paradigma da teologia da missão**. Tradução de Geraldo Korndorfer e Luís Marcos Sander. São Leopoldo, Rs: EST, Sinodal, 2002.

BRAVO, Carlos. **Galiléia Ano 30: Para ler o relato de Marcos**. Tradução: Roberto Tápia Vidal. São Paulo: Paulinas, 1996.

BROSSE, de La Olivier, HENRY, Antonin-Marie e ROUILLAED, Philippe. **Dicionário de Termos da Fé**. Tradução de A. Maia da Rocha. Aparecida-SP: Editora Santuário, 1989.

BURNIER, Frei Martinho Penido, OP. **Perscrutando as Escrituras: São Marcos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1968.

CALLE, Francisco. **Teologia de Marcos**. Tradução: José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulinas, 1984.

CHOURAQUI, André. **A Bíblia: Marcos (O Evangelho Segundo Marcos)**. Tradução: Leila Duarte. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

CISTERNA, Félix Eduardo. **El Evangelio de Marcos**. Buenos Aires: Editorial Claretiana, 2012.

COLAVECCHIO, Ronaldo. **O Caminho do Filho de Deus: Contemplando Jesus no Evangelho de Marcos**. São Paulo: Paulinas, 2005.

COMPÊNDIO do Vaticano II. 5ª Ed. São Paulo: Vozes, 1968.

COPPI, Pe. Paulo. **Por uma Igreja toda Missionária: breve curso de missiologia**. São Paulo: Paulus, 1994.

DATTLER, Frederico. **Sinopse dos Quatro Evangelhos**. São Paulo: Paulus, 1986.

DELORME, J. **Leitura do Evangelho Segundo Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1985.

DORNELAS, Nelito. **Conversando com o Evangelista Marcos**. São Paulo; Paulus, 1997.

FERNANDES, Leonardo Agostini, GRENZER, Matthias. **Evangelho Segundo Marcos: Eleição, Partilha e Amor**. São Paulo: Paulinas, 2012.

KONINGS, Johan. **Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”**. São Paulo: Loyola, 2005.

KUMMEL, Werner, Gerorg. **Introdução ao Novo Testamento**. Tradução de Paulo Feine e Johnnes Behm. São Paulo: Paulinas, 1982.

LURKER, Manfred. **Dicionário de Figuras e Símbolos Bíblicos**. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1993.

MACKENZIE, L. John. **Dicionário Bíblico**. Tradução de Álvaro Cunha. São Paulo: Paulinas, 1983.

MALONEY, Elliott. **Mensagem Urgente de Jesus para hoje: O Reino no Evangelho de Marcos**. Tradução: Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulinas, 2008.

MARCONCINI, Benito. **Os Evangelhos Sinóticos: Formação, Redação, Teologia**. Tradução: Clemente Raphael Mahl. São Paulo: Paulinas, 2001.

MATEOS, Juan, CAMACHO, Fernando. **Marcos: Texto e Comentário**. Tradução: José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 1998.

MATEOS, Juan. **Comentario al Evangelio de San Marcos**. Quito: Edicay 1994.

MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**. Tradução: I.F.L. Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1992.

MONASTERIO, Aguirre, Rafael e CARMONA, Rodríguez, Antonio. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. Tradução: Alceu Luiz Orso. São Paulo: Ave Maria, 1994.

MOSCONI, Luis. **Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos: Para cristãos e cristãs rumo ao novo milênio**. São Paulo: Loyola, 1997.

NEVES, Joaquim Carreira. **Evangelhos Sinóticos**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2002.

PAGOLA, José Antonio. **O Caminho Aberto Por Jesus: Marcos**. São Paulo: Vozes, 1994.

PANAZZOLO, João. **Missão para Todos: introdução à missiologia**. São Paulo: Paulus, 2006.

PIKAZA, Xabier. **Para Viver O Evangelho: Leitura de Marcos**. Tradução: Pe. Idalino Simões. Navarra: Gráfica de Coimbra.

SAMANES, Floristán, Cassiano e TAMAYO-ACOSTA, Juan-José. **Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo**. Tradução de Isabel Fontes Leal Ferreira e Ivone de Jesus Barreto. São Paulo: Paulus, 1999.

SCHNACKENBURG, Rudolf. **O Evangelho Segundo Marcos**. Tradução: Frei Edmundo Binder, O.F.M. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

SENIOR, C.P., Donald e STUHLMUELLER, C.P., Carrol. **Os Fundamentos Bíblicos da Missão**. Tradução de Anacleto Alvarez. Santo André, SP: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.

SLOYAN, Gerard. **Evangelho de Marcos**. Tradução: Ana Flora Anderson e Frei Gilberto Gorgulho, OP. São Paulo: Paulinas, 1975.

SOARES, Sebastião Armando Gameleira, JÚNIOR, João Luiz Correia. **Evangelho de Marcos: Vol. I: 1-8 Refazer a Casa**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SUESS, Paulo. **Introdução à Teologia da Missão: convocar e enviar, servos e testemunhas do reino**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2009.